

# **Resoluções Políticas**

**7.º Congresso do POM**

**19 e 20 de fevereiro de 2005.**

## Resoluções políticas do VII Congresso do POM 19 e 20 de fevereiro de 2005.

### Construção do POM como seção da Internacional Marxista

#### Análise

O Método para um prognóstico próximo do real se adquire analisando a realidade (sociedade atual no seu conjunto) com uma visão dentro do materialismo histórico e dialético.

Temos presenciado análises distorcidas da realidade visto que, partem de pontos específicos e conjunturais, sem, no entanto, palpar a realidade em seu conjunto e ainda, sem a devida paciência revolucionária, calcada nos legados históricos e materialistas da luta de classes Internacional, levando assim a posições estranhas ao Marxismo e ao desespero pequeno-burguês.

#### Situação Política

Vivemos uma avançada crise de superprodução capitalista – as forças produtivas deixaram de crescer em seu conjunto. Com o avançar da crise, os mercados regidos pela propriedade privada dos meios de produção tornaram-se extremamente estreitos, colocando a consigna histórica de *Socialismo ou barbárie*.

As forças produtivas se desenvolveram de uma forma gigantesca de maneira totalmente contraditória, ou seja: a maquinaria e a capacidade de produção se desenvolveu e ainda se desenvolve em alguns ramos, por exemplo, a robotização e a informática, mas, no entanto este desenvolvimento não reflete em bem estar social e em desenvolvimento do principal e majoritário elemento das forças produtivas, o proletariado. Este último, ao invés de desenvolver-se, retrocede, tanto em relação ao meio digamos “civilizado” da sociedade”, quanto das mínimas condições de vida e sobrevivência. Os direitos sociais históricos estão sendo arrancados para manter o estado capitalista funcionando e ainda para saciar a mortífera sede de lucro dos capitalistas. Assim podemos afirmar que conforme caracterizaram bem os marxistas reunidos na fundação da IV Internacional - *A premissa econômica da revolução proletária já alcançou há muito o ponto mais elevado que possa ser atingido sob o capitalismo. As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos não conduzem mais a um crescimento da riqueza material.*

- Entraram em cena os blocos econômicos e o acirramento das guerras comerciais;
- Aumento da exploração, das taxas de mais-valia, aumento da ganância refletindo na destruição e perdas dos direitos históricos da classe operária, podemos dizer que estamos na barbárie;
- Guerras imperialistas por matérias-primas e por mercados, hoje com hegemonia dos EUA;
- A supremacia militar dos EUA tem impedido momentaneamente a 3.ª guerra mundial, instalando uma guerra permanente em regiões estratégicas;

- Assume posição de destaque na situação política mundial, as Frentes Populares e a política de conciliação de classes no sentido de conter as lutas independentes bem como a independência ideológica da classe operária. A fascistização da sociedade torna-se uma realidade adequando o Estado burguês em decadência absoluta e sua agonia, barbárie capitalista.

### **O Movimento Operário:**

O Movimento Operário sofreu uma grandiosa derrota com a queda dos Estados Operários.

O capitalismo, como analisado por Marx, e com a propriedade privada dos meios de produção, acumula capital em poucas mãos e fome, miséria, violência entre as massas, desenvolvimento contraditório: forças produtivas versus relação de produção, resultando no fenômeno da crise de superprodução capitalista, gerando profundas crises econômicas, movimentos revolucionários, guerras comerciais, guerras bélicas por mercados e pela divisão do mundo.

Em 1871, os operários parisienses tomaram o poder por meio de uma insurreição e passaram a administrar o Estado normalmente, instituíram o Estado tipo Comuna (Comuna de Paris). A falta de experiência da classe operária em escala internacional fez com que os trabalhadores acreditassem que estava tudo bem. Não se armou um forte esquema de retaguarda a uma possível contra-revolução burguesa. Resultado: a burguesia organizou a contra-revolução e acabou com o Movimento em um banho de sangue. Karl Marx e Frederico Engels se debruçaram sobre este acontecimento (ou seja, estudaram o assunto a fundo) e constataram a necessidade dos operários e trabalhadores de que, se quiserem lutar pelo poder (colocar as fábricas e as terras nas mãos dos trabalhadores), teriam que lutar pela Ditadura do Proletariado. Deram fundamentação teórica para o conteúdo da chamada democracia no capitalismo como sendo a ditadura de uma minoria capitalista por cima da grande maioria dos trabalhadores explorados (ditadura do capital). E também, de que a Ditadura do Proletariado é a verdadeira Democracia Operária, ou seja: onde a vontade da grande maioria dos trabalhadores se sobreporá à minoria burguesa exploradora. E mais ainda, de que os trabalhadores deverão estar armados e organizados no Estado Operário até o fim da burguesia e a exploração de classe em escala mundial.

Em 1917, os operários russos tomaram o poder e instituíram o poder soviético (poder dos conselhos ou união dos conselhos, União Soviética). A burguesia mundial ficou enfurecida, amaldiçoou os operários do mundo inteiro. Vários exércitos imperialistas invadiram a Rússia, isolando-a totalmente do resto do mundo. Os trabalhadores só contavam com suas organizações em escala internacional. As dificuldades enfrentadas, as constantes guerras para defesa da revolução, fizeram com que os operários se cansassem. A Rússia era um país atrasado e composto, na sua maioria, de camponeses. Não faltassem todos estes problemas, com a morte de Lênin, assumiu a direção do Estado Josef Stálin, transformando a Ditadura do Proletariado na Ditadura Burocrática do Estado Operário degenerado.

Os operários russos e o movimento operário internacional não conseguiram reverter esta situação e a burocracia do Estado Operário degenerado fez voltar a burguesia ao poder e então, as fábricas e as terras voltaram a ser privadas. Hoje, o país vive em uma miséria total.

Principalmente com a Segunda grande Guerra Mundial, vários países foram incorporados ao bloco da União Soviética (Estados Operários degenerados ou Socialismo burocrático rumo ao capitalismo). Por longos anos se configurou dois blocos hegemonicamente opostos: *socialistas versus capitalistas*.

No chamado Socialismo em um só país de Stalin, imposto na Rússia após 1924 e que se tornou política Socialista em escala Internacional, a burocracia e a democracia formal apresentam-se como elemento de entrave dos meios de produção e como germe do retorno da propriedade privada dos meios de produção. A análise marxista deste fenômeno realizada por Trotski pode prever os destinos destes Estados operários degenerados. Ou a classe operária retomava o poder para as mãos dos Sovietes, expulsando a burocracia do poder em uma Revolução Política, ou a política da burocracia e a democracia formal iria reconduzir à propriedade privada dos meios de produção em uma nova Revolução Social.

Como o operariado e o movimento Socialista Internacional foram incapazes de se organizarem no Partido Mundial da Revolução Socialista e incapazes de interferirem no sentido da revolução política, vimos o desmoronamento da União Soviética e dos Estados Operários (Alemanha, Polônia, China, Iugoslávia, Checoslováquia). Podemos dizer que Cuba ainda é um Estado operário degenerado, porém em um estágio adiantado de capitalização.

Com a eficaz campanha ideológica dos capitalistas orquestrada pelos sociais democratas traidores, o stalinismo, castrismo e pelo trotskismo degenerado, semearam uma maior confusão, discórdia e desesperança entre os oprimidos. Em um primeiro momento conseguiram confundir grande parte da vanguarda da supremacia do capitalismo, socialismo com democracia, socialismo de mercado etc. etc., e mesmo da morte do marxismo. A luta de classes é dinâmica (as leis da história são mais poderosas que os aparelhos burocráticos, bem como a manipulação burguesa).

As conquistas teóricas do Marxismo batem fundo diante da agonia capitalista, suas crises, guerras e revoluções. A luta de classes se acirra:

- Ampliação do bloco reformista e contra-revolucionário dos sociais democratas da 2.<sup>a</sup> Internacional, 2.<sup>a</sup> Internacional e meia com a adesão a este do Stalinismo e sua variante o castrismo;
- Conformação de um bloco de uma 3.<sup>a</sup> Internacional e meia integrada (trotskismo revisionistas se juntando ao bloco dos sociais democratas modernos com as velhas receitas, o Stalinismo e castrismo);
- Aumento da burocratização dos Sindicatos operários e de assalariados em geral;
- Incapacidade do agrupamento revolucionário com bases programáticas principistas;
- Potenciamento da confusão e atraso do proletariado e de sua vanguarda;
- Situações Revolucionárias, porém sem Partido Revolucionário;

- Situação política mundial no seu conjunto caracterizada majoritariamente como situação pré-revolucionária, permanecendo toda a vigência do programa de transição.

Diante destas constatações podemos afirmar que a situação mundial do ponto de vista dos revolucionários Marxistas se apresenta da seguinte maneira:

Em 1938 o Congresso de fundação da IV Internacional caracterizou que: a situação política mundial no seu conjunto caracteriza-se, antes de mais nada pela crise histórica da direção do proletariado. A premissa econômica da revolução proletária já alcançou Há muito o ponto mais elevado que possa ser atingido sob o capitalismo. As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As frentes populares de um lado e o fascismo de outro são os últimos recursos políticos do imperialismo na luta contra a revolução proletária. No entanto, do ponto de vista histórico, estes dois recursos são apenas ficções. A orientação das massas está determinada de um lado pelas condições objetivas do capitalismo que se deteriora; de outro, pela política traidora das velhas organizações operárias. Destes dois fatores, o fator decisivo é, sem dúvida, o primeiro: as leis da História são mais poderosas que os aparelhos burocráticos.

Após esta primeira caracterização a IV Internacional em seu nascedouro caracterizou em contraposição ao programa mínimo defendido pelos sociais traidores o seguinte:

A economia, a política da burguesia e suas relações internacionais estão profundamente afetadas pela crise social que caracteriza a situação pré-revolucionária da sociedade. O principal obstáculo na transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária é o caráter oportunista da direção do proletariado, sua covardia pequeno-burguesa diante da grande burguesia, os laços traidores que mantém com esta, mesmo em sua agonia.

Em todos os países, o proletariado está envolvido por uma angústia profunda. Massas de milhões de homens lançam-se sem cessar no caminho da revolução. Mas, a cada vez, chocam-se com seus próprios aparelhos burocráticos conservadores ....

A tarefa estratégica do próximo período – período pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização – consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha geração falta de experiência da nova). É necessário ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa de revolução socialista. Esta ponte deve consistir em um sistema de REIVINDICAÇÕES TRANSITÓRIAS que parta das atuais condições e consciência de largas camadas da classe operária e conduza, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado.

A social-democracia clássica, que desenvolveu sua ação numa época em que o capitalismo era progressista, dividia seu programa em duas partes independentes uma da outra: o programa mínimo, que se limitava a reformas no quadro da sociedade burguesa, e o programa máximo, que prometia para um futuro indeterminado a substituição do capitalismo pelo socialismo. Entre o “programa mínimo” e o “programa máximo” não havia qualquer mediação. A

social democracia não tem necessidade desta ponte porque de socialismo ela só fala nos dias de festa.

A Internacional Comunista enveredou pelo caminho da socialdemocracia na época do capitalismo em decomposição, quando não há mais lugar para reformas sociais sistemáticas nem para a elevação do nível de vida das massas, quando a burguesia retoma sempre com a mão direita o dobro do que deu com a mão esquerda (impostos, direitos alfandegários, inflação, “deflação”, carestia da vida, desemprego, regulamentação policial das greves etc.), quando cada reivindicação séria do proletariado, e mesmo cada reivindicação progressista da pequena burguesia, conduzem, inevitavelmente além dos limites da propriedade capitalista e do Estado burguês.

A tarefa estratégica da IV Internacional não consiste em reformar o capitalismo, mas em derruba-lo. Seu objetivo político é a conquista do poder pelo proletariado para realizar a expropriação da burguesia. Entretanto, o cumprimento desta tarefa estratégica é inconcebível sem a mais atenta atitude em todas as questões tática, mesmo as pequenas e parciais.

Todas as frações do proletariado, todas as camadas, profissões e grupos devem ser levados ao movimento revolucionário. O que distingue a época atual não é o fato de ela liberar o partido revolucionário do trabalho prosaico diário, mas o de permitir conduzir esta luta em união indissolúvel com as tarefas da revolução.

Devido à prolongada crise de superprodução capitalista, temos presente na conjuntura mundial uma situação que muito bem descreve Trotski no Manifesto da IV Internacional, tendo em vista a Conferência de emergência da IV Internacional realizada em maio de 1940 em vista da 2.<sup>a</sup> guerra mundial que se estendia, bem como da necessidade da transformação da guerra imperialista na revolução proletária como fizeram os Bolcheviques na primeira grande guerra de 1914 a 1918 impondo a República Proletária Soviética na Rússia dos czares . Trotski nos fez a seguinte pergunta? – Lograremos preparar a tempo um partido capaz de dirigir a revolução proletária? Para responder corretamente esta pergunta é necessário colocá-la corretamente. Naturalmente, tal o qual insurreição terminará com seguridade em uma derrota devido a imadurez da sua direção revolucionária. Porem não se trata de uma insurreição isolada. Se trata de uma época revolucionária.

O mundo capitalista já não tem saída, a menos que se considere saída a agonia prolongada. É necessário preparar-se para longos anos, se não décadas, de guerra, insurreições, breves intervalos de trégua, novas guerras e novas insurreições. Um partido revolucionário jovem tem que apoiar-se nesta perspectiva. A história lhe dará suficientes oportunidades e possibilidades de provar-se, acumular experiência e madurar. Quanto mais rapidamente se fundir a vanguarda mais breve será a etapa das convulsões sangrentas, menor a destruição que sofrerá nosso planeta. Porem o grande problema histórico não se resolverá de nenhuma maneira até que um partido revolucionário se ponha a frente do proletariado. O problema dos ritmos e os intervalos são de enorme importância, porem não altera a perspectiva histórica geral nem a orientação de nossa política. A conclusão é simples: Haveremos que levar a diante a tarefa de organizar e educar a vanguarda proletária com uma energia multiplicada por dez. Este é precisamente o objetivo da IV Internacional.

Com o assassinato de Trotski desorganizando e enfraquecendo ainda mais as fileiras da IV Internacional, a prolongada crise de superprodução capitalista e a ausência da revolução proletária Internacional, bem como a Organização do Partido da Revolução Proletária, a IV Internacional, estamos vendo constantemente o Imperialismo decretar guerras localizadas em regiões estratégicas de forma permanente, como é o caso nas últimas décadas da guerra de Iraque, Kosovo, Afeganistão, novamente Iraque, Palestina etc. Também temos visto situações que poderiam ser chamadas de situações revolucionárias, porém sem a existência do Partido Revolucionário em vários países como: Iraque, Bolívia, Argentina, Venezuela, Equador etc. Devido à elevada crise de superprodução em que os capitalistas são obrigados a aumentar suas taxas de lucros e uma maior exploração das colônias ou semicolonias, da necessidade de ampliar seus mercados e confiscar matérias-primas e em particular, dos EUA, de além de tudo potenciar sua Indústria de base (armamentismo), acabam criando constantemente e em períodos cada vez menor as situações descritas por Trotski acima e por Lênin de que os de cima não conseguem governar e os de baixo já não deixam ser governados, situações revolucionárias, porém sem partido Revolucionário. Não podemos cair no desespero e vislumbrar somente este aspecto da situação. O grande divisor de águas é a construção programática e a construção do Partido Mundial da Revolução Proletária. Não podemos, em nome de resolver o problema da Direção, adotar posições estranhas ao Marxismo que se assemelham ao heroísmo pequeno-burguês.

A traição e a passagens para o bloco contra-revolucionário de um setor importante do Trotskismo não nos dá o direito de revisar o programa de transição, totalmente atual na sua linha geral de orientação revolucionária para a situação preponderante, pré-revolucionária, e as tarefas que dela se depreende.

Podemos dizer com toda certeza que a situação política mundial do ponto de vista da crise de direção do proletariado regrediu em relação a 1938, com o assassinato prematuro de Trotski, a confirmação de um bloco do Trotskismo que podemos caracterizar como sendo uma III Internacional e meia; derrubada dos estados operários degenerados pela revolução social; a aliança da III Internacional e meia com os sociais democratas traidores “modernos” com a velha política burguesa de conciliação de classes e imperialistas das frentes populares, na conformação do bloco do chamado socialismo de mercado com o castrismo; na desfiguração das teses do Oriente do IV Congresso da III Internacional, transformando a FUA em variante de Frente Popular; com a criação de organismos de dissimulação da política burguesa de contenção das lutas independentes, como é o Fórum Social Mundial, papel do governo Lula no cenário mundial e, principalmente, na América Latina, se aliando à ofensiva ideológica do imperialismo, sua globalização e receitas neoliberais.

Por tudo o acima exposto, o trabalho Internacionalista de construção do programa e do Partido Mundial da Revolução Proletária deve se mirar pela paciência revolucionária, com uma política de tendências e frações internacionalistas rumo à homogeneização de frações revolucionárias principistas, regidas pela democracia operária e a sua evolução na construção partidária rumo ao centralismo democrático.

## **Jornal como instrumento da elaboração coletiva e organizativa**

Para a conquista da Revolução Proletária exige-se inexoravelmente do Partido/Programa e na construção deste, apresenta-se como primeiro passo, a elaboração do Jornal Proletário.

O jornal é uma ferramenta essencial para educar os soviets e possibilitar a fusão entre estes e o Partido. Assumindo seu caráter político e fabril; e difundindo o programa marxista voltado, como não poderia deixar de sê-lo, à realidade e interesses históricos do proletariado moderno. Desse modo o jornal consiste num importante meio de formação política dos militantes. Sendo que se um sindicato (sob a direção revolucionária) compreende uma escola de marxismo, o jornal é a sua cartilha.

O jornal contextualiza o cotidiano da classe operária e luta pelo envolvimento inclusive da pequena burguesia campo e cidade; elucidando a mensagem do socialismo para por fim a um regime que, paulatinamente, coroe a sociedade e corrompem seus componentes. Deve trabalhar sob um prisma marxista desde a rotina crucificante da fábrica, passando pelo preço do pão e do leite, até a quebra da bolsa de Nova York.

Ele deve expressar a voz dos explorados com as palavras do Partido Revolucionário através de seus melhores quadros, para todos os explorados. Espalhando as sementes do socialismo a todos os cantos. Deve ser o organizador da propaganda política (e por isso assumir, obrigatoriamente, seu caráter de conspirador); deve sediar os debates políticos; refletir a política operária vigente; denunciar as mazelas stalinistas e principalmente, combater a influência da burguesia no seio das massas.

Como fundamental meio propagandista o jornal deve submeter a vida orgânica do Partido, na medida em que venha a prejudicar a segurança, a dinâmica e a hegemonia (predominância) deste quando no exercício do centralismo democrático.

Através da elaboração do jornal educa-se não apenas a massa, mas toda a vanguarda e/ou militância que participa deste processo. Pois é fruto da discussão nas células; provém da necessidade das massas de uma referência revolucionária; capta as contradições do sistema e as dispõe de forma clara. Forjando assim a ponte entre a vanguarda (direção), a base e as massas. É o espelho da prática revolucionária embasada por sua teoria e como tal (prática e teoria), se faz também imprescindível devendo atuar como a mais ampla democracia-operária.

Contudo o jornal deve reservar-se à um caráter mais analítico (programático) e não somente econômico, jornalístico, visto que como agente formador de opinião não pode simplesmente enumerar dados e observações senão ao passo de sua função e objetivo histórico programático. Sendo um agente diferenciador e aglutinador (organizador) passa, necessariamente, pela supervisão do Partido; mantendo, assim, sua coerência, idoneidade e combatividade.

Convêm, dentro de nossas possibilidades, para melhorar o aproveitamento e desenvolvimento deste instrumento, considerarmos fatores que se fazem necessários, tais quais:

- Incorporar todas as células e as atividades destas à tarefa de elaboração, desenvolvimento e circulação do jornal;



- Adequar sua linguagem e contexto a realidade, capacidade e interesse do público a que se dirija, sem comprometer, todavia, sua função e objetivo históricos da construção do Partido e condições à Revolução Proletária. Deve simplificar sem tornar-se evasivo afinal, deve-se elevar as massas ao nível do programa e não o contrário;
- Manter a regularidade de publicações bem como dos assuntos tratados e minimizar alguns vícios de linguagem como discursos repetitivos, doutrinários ou mesmo, ultimatas; de modo a facilitar a compreensão e aumentar o interesse pelo assunto exposto. Uma nova diagramação ou reconfiguração, melhoram a estética e, talvez, reduzindo a quantidade de folhas pode economizar em sua produção e facilitar sua leitura e, portanto, circulação;
- Apreciar os acontecimentos regionais e contextualizá-los com os nacionais e internacionais e manter um periódico de conjuntura;
- Manter colunas e periódicos que atraiam a públicos diversos e abarquem ao menos a uma fórmula geral: *conjuntura, prognósticos, debates (polêmicas), acontecimentos, informes (das atividades e assuntos regionais), denúncias, literatura (poesias, citações, indicações literárias e etc.), arte com teor político (charges, desenhos, gravuras e etc.), uma caixa postal ativa, e, primeiramente, uma nova capa.*
- Deve ser totalmente custeado pelos leitores e reproduzido conforme nossas reais condições. Refletindo desta maneira, integralmente, o nosso trabalho, desempenho, esforços e capacidade.

A constituição deste forte instrumento referencial, como já referendado, pode possibilitar um salto qualitativo fundamental na consciência e vida de nossa organização e dos oprimidos. Fator este tão necessário à luta contra o capital e sua influência ideológica destrutiva sobre sua própria força motriz; o proletariado e os explorados em geral.

### **Atividades culturais e de formação de base:**

Para a mudança na sociedade é necessário uma mudança de sua cultura, mas os fatores fundamentais para esta mudança estão condicionados ao materialismo. De que a transformação social passa primeiro e essencialmente pela mudança da base da sociedade e do regime imperante, saiba-se as relações de produção, as classes sociais, a propriedade privada dos meios de produção e enfim, a exploração institucionalizada. Pois sob esta base é que se moldam as idéias e a cultura social, devendo esta base, portanto, tender ao comunismo em todos os seus preceitos.

Quando o campo das idéias estiver em consonância com o materialismo histórico e dialético, de modo a propiciar a verdadeira independência ideológica e

a consciência de classe, é possível dar um salto qualitativo na construção do Partido Operário e na dita Revolução. Do que se depreende a importância e as tarefas das atividades culturais voltadas para os objetivos históricos da classe operária, auxiliando assim na consumação deste salto qualitativo do movimento operário e de massas em geral.

O trabalho em atividades culturais que contribuam para a formação da base militante, tanto entre jovens, adultos, movimentos culturais, políticos ou movimento feminino, assim como qualquer forma de ação com o objetivo revolucionário marxista e está submetido ao movimento do materialismo histórico e dialético. Isso para que não ocorra nenhum desvio de conduta e princípio na hora de aplicar o programa na luta contra as concepções burguesas.

As atividades culturais envolvem e facilitam assimilação da necessidade do socialismo, inclusive das camadas mais simples da massa e do proletariado. Quando voltadas ao marxismo, propiciam o melhor desenvolvimento e a aprendizagem dos militantes para a formação do Partido. Possibilitam o envolvimento da família proletária em seu conjunto a participarem no cotidiano do Partido durante o ensejo da luta de classes. Por diversas vezes os militantes se afastam ou são impedidos de atuar devido a questões familiares, exclusivamente individuais, embora comuns e freqüentes. O militante deve fazer de tudo para caminhar junto à sua família, mas deve ter claro que os objetivos históricos do proletariado moderno, ou seja, o Socialismo está de longe e acima dos interesses da nossa família (burguesa) de hoje, e que na história a família se iniciou pela consangüinidade.

Nesse campo é preciso repugnar, sob pena da degeneração pequeno-burguesa, o caráter hipócrita, assistencialista e imobilizador da política burguesa, expressada tão abertamente hoje nas organizações de caráter social (Ongs, certas Cooperativas etc.). Também devemos travar a luta implacável para expulsar das Organizações dos oprimidos (Associações, Movimentos Sindicatos, etc.) as burocracias pró-burguesas, bem como toda política estranha aos interesses históricos do proletariado moderno.

O Cinema, teatro, esportes, oficinas culturais, literatura e a arte em geral, devem servir a um bem maior, que reflita os objetivos e necessidades históricas dos explorados (principalmente do proletariado). Quando não, a arte torna-se supérflua e fútil, atendendo apenas aos desejos escusos da burguesia.

Pela carência de entretenimento, esporte e cultura em geral é possível atrair a juventude, movimento feminino e etc, acordando-os para a realidade capitalista e seu contrário, o Socialismo. No combate aos abusos e preconceitos em torno da questão feminina, por exemplo, esclarecemos a necessidade socialista.

É preciso combater o alcance capitalista que institucionaliza sua ideologia através destes expedientes pela debilidade de nossa atuação (nesses campos). Por assim dizer, "conspiraremos" contra o capital nas atividades que se desprendem do meio cultural e artístico, tendo em vista que esse trabalho desvincula a massa da ideologia burguesa, dá suporte à comunidade e facilita a compressão da luta e objetivos do socialismo.

**Ata da Segunda Pré-Conferência do Comitê de Enlace por uma  
Conferência Internacional dos Trotskistas  
principistas e organizações operárias revolucionárias internacionalistas**

**Buenos Aires, Argentina, 1 e 2 de fevereiro de 2005**

1) apresentação dos grupos participantes:

Da Segunda Pré-Conferência participaram delegações de todos os grupos e tendências que conformam o Comitê de Enlace, a saber:

Partido Operário Marxista (POM); Trincheira Marxista (T M) Coletivo Comunista Revolucionário (CCR); Oposição Operária (OO); Fração Trotskista (FT), todos do Brasil.

Partido Operário Revolucionário (- POR TCI) de Argentina.

Grupo comunista revolucionário de Internacionalista (CRI) de França.

Grupo comunista Operário (CWG) de Nova Zelândia.

Agrupamento Internacionalista outubro vermelho (ORI) de Bolívia; Liga Internacionalista Trotskista (LTI) de Peru; Liga Operária Internacionalista IV internacional (LOI-CI) de Argentina; Comitê Organizando do Partido Operário Internacionalista (COPOI) de Chile, todos os membros do FTI-CI.

2) Todos os grupos presentes afirmam que esta segunda Pré-Conferência se deu com a mais ampla Democracia Operária, método já posto em prática na Pré-Conferência de julho de 2004. Este clima de democracia Operária que se respirou foi palpável tanto na mesma Pré-Conferência como nas discussões sem diplomacia, porém fraternais entre os diferentes grupos e tendências inclusive também na fase do debate prévio a sua realização, com a publicação das posições, originais e controvérsias em dois números do boletim de Discussão Internacional, e nos jornais dos diferentes grupos que compõem o Comitê de Enlace.

A Segunda Pré-Conferência mostra então o método principista com que se está pondo em pé o Comitê de Enlace: entre grupos e correntes que temos importantes pontos de acordos programáticos, discutimos a fundo as diferenças para poder avaliar – como dizia Lênin, se estes acordos são reais e profundos.

Por tanto, haver obtido a claridade nas diferenças existentes, deixando questões secundárias, é um grande paço a diante e uma conquista. Assim, se a primeira Pré-Conferência permitiu que nós assentássemos os cinco pontos programáticos que nos delimitam com claridade dos liquidacionistas do trotskismo; a segunda pôs um novo marco: expressar com claridade as diferenças com um método principista alheio a toda alquimia centrista.

3) A Pré-Conferência reafirmou a vigência e atualidade dos cinco pontos de acordo da Ata de Diadema. Reafirmou que estes pontos essenciais acordados são para cumpri-los e leva-los na prática, e que são a base e pontos de partida principista para discutir e para esclarecer as diferenças. Reafirmou também e conseqüentemente, que segue vigente a luta por uma Conferência Internacional dos trotskistas principistas e das Organizações operárias revolucionárias, e que esta segunda Pré-Conferência e seu resultado é um passo a frente e nos aproxima da realização da mesma.

4) Partindo de afirmar a vigência dos cinco pontos de acordo de da Ata de constituição do Comitê de Enlace, durante dois dias se realizaram os debates teóricos, políticos e programáticos em torno das seguintes áreas de diferenças:

a) Método para abordar a realidade, e sobre a caracterização a atual situação mundial. Caráter da crise econômica mundial. Sobre transcendência e consequência dos acontecimentos de 1989 e a definição do caráter atual dos antigos estados Operários. A definição de situações concretas da luta das classes como, Palestina em 2000, Argentina de 2001, Bolívia de 2003, a situação atual em Brasil, etc.. Sobre a desincronização entre a luta do proletariado dos países semicoloniais e coloniais e o proletariado dos países imperialistas.

b) Sobre a vigência e atualidade do método, as premissas e as caracterizações contidas no Programa de Transição.

c) Sobre a táticas da Frente Única Antiimperialista, sobre a Frente Única Operária. Sobre como intervem os revolucionários no interior dos Sindicatos e sua relação com a luta para por em pé os Sovietes e as milícias operárias, debate este último desenvolvido também em torno da intervenção nos países como Argentina, e Brasil e o processo de surgimento da CONLUTAS.

d) Sobre a posição dos revolucionários frente às burguesias nacionais, desenvolvendo o debate em torno das experiências de Venezuela, Iraque e Palestina em particular.

e) Sobre o Centralismo Democrático, concepção de partido leninista, sobre o caráter internacional da Revolução e o caráter Internacional do programa.

5) Após dois dias de debate, o FTI-CI e o CWG propuseram explorar a possibilidade de estender os pontos programáticos de acordo do comitê de Enlace nas seguintes questões:

a) Sobre o caráter internacional da revolução e da luta pela ditadura do proletariado.

b) A política dos revolucionários frente aos sindicatos e sua relação com luta pelos organismos da democracia operária do proletariado e explorados, quer dizer dos soviets.

c) A questão Cubana. A defesa da revolução Cubana frente a toda agressão imperialista e a luta pela revolução política contra a burocracia restauracionista.

d) A posição dos marxistas revolucionários frente as burguesias nacionais nos países semicoloniais ou coloniais, sobre a base da experiência do último período de Iraque, Palestina e Venezuela.

e) A obrigação para os revolucionários, em toda a situação pré-revolucionária ou revolucionária de colocar como eixo de seu combate e do programa a luta a para por em pé o embrião do Partido Mundial da Revolução Proletária, as seções nacionais deste como parte e entrelaçados na luta Internacionalista pela sua construção, o resgate programático baseado no materialismo histórico e dialético, espelhando na realidade mundial no seu conjunto e nas particularidades nacionais, luta Internacionalista contra o capital e sua barbárie, luta incansável contra os traidores e aos revisionistas do marxismo forjando os quadros militantes, o Partido Mundial da Revolução Proletaria, o Programa, a penetração

no seio das massas, com a tomada das Organizações Operárias e Populares, expulsando as burocracias dos Sindicatos, Organizações Operárias e Populares dando um salto de qualidade na Organização Independente do Proletário a nível Mundial com soviets e o armamento das massas, abrindo assim o caminho para insurreição e a tomada do poder.

F) Uma denuncia atualizada contra o Fórum Social Mundial, incluindo o feito de que a ampla maioria dos liquidacionistas do trotskismo uniu-se a este oficialmente.

g) Sobre a concepção de Partido e de Centralismo Democrático leninista segundo o legado do materialismo histórico e dialético.

A partir daí se resolveu dar um período de 60 dias para que todos os grupos, blocos ou tendências escrevam e apresentem suas propostas de pontos programáticos a debater, para explorar as condições e que possamos dar um paço adiante na homogeneidade política do comitê de Enlace, e, ao mesmo tempo, para marcar com claridade um limite ao centrismo, ao oportunismo, e também ao sectarismo, para que estes não se desenvolvam em suas fileiras.

A partir da apresentação de diferentes propostas, abrir o debate sobre os mesmos em todos os grupos, e após 3 ou 4 meses de discussão, marchar a uma nova Pré-Conferência em julho de 2005, que nos permitirá avaliar se alcançamos acordos programáticos suficientes para marchar em comum à realização da Pré-Conferência Internacionais no fim de 2005.

6) A Pré-Conferência resolveu também explorar a possibilidade da laboração de declarações em comum sobre Bolívia, país em que os acontecimentos se agudizam; assim como também uma declaração comum sobre Iraque, como parte da luta para conquistar campanhas internacionalistas de ação do Comitê de Enlace.

7) A FTI-CI e o CWG propuseram em comum à Pré-Conferência ampliar ainda mais a democracia operária para o debate. Para isto, propuseram que a base de todas as organizações discutam todas as posições em questão e que no período prévio da Pré-Conferência de julho essa base vote por maioria e minoria sobre todas as propostas. Para isto, deliberam que as portas de todos os grupos que compõem o FTI-CI, e aqueles do CWG estão abertos de modo que, os camaradas das outras organizações possam discutir com a base, para convencer de suas posições, e solicitam a possibilidade de fazer o mesmo com os demais grupos.

Também, o FTI-CI e o CWG deliberam que em todos os seus grupos ficam suspenso o centralismo democrático com relação às questões internacionais de modo que, todo o militante do CWG ou dos distintos grupos que compõem a FTI-CI podem aderir e alinhar-se com a qualquer uma das posições dentro debate no interior do comitê da Enlace.

Estabeleceu-se que todos os grupos discutirão e avaliarão esta proposta da FTI e do CWG, e responderiam sobre a mesma. Da mesma maneira, como a proposta do POM que foi apoiada por todos os grupos presentes -esclarece e reivindica que o debate seja realizado com o mais total democracia operária e com a maior das lealdades entre correntes que nos reivindicamos revolucionários.

8) A posição do POM é de que não pode e não está dado o momento de votação de maioria e minoria com o conseqüente estabelecimento do Centralismo

Democrático, visto que, reafirmamos a vigência do programa de transição em nossa época, (longe de se configurar em posição dogmática) antagonicamente à posição de FTI-CI a nosso ver de revisão do dito programa quando da caracterização da situação política Internacional em seu conjunto, podendo deslizar para posições sectárias ou ultraesquerdistas. Ficando em questão a vigência ou não do Programa de Transição da VI Internacional, especificamente sobre o método de caracterizar a realidade e por excelência a caracterização contida neste, de que: "A situação política mundial no seu conjunto caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado. A premissa econômica da revolução proletária já alcançou há muito o ponto mais elevado que possa ser atingido sob o capitalismo. As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos não conduzem mais a um crescimento da riqueza material"... (contrariamente ao que afirma o CRI) – "A economia, o Estado, a política da burguesia e suas relações internacionais estão profundamente afetadas pela crise social que caracteriza a situação pré-revolucionária da sociedade. O principal obstáculo na transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária é o caráter oportunista da direção do proletariado, sua covardia pequeno-burguesa diante da grande burguesia, os laços traidores que mantém com esta, mesmo em sua agonia". ... "A tarefa estratégica do próximo período – pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização, consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha direção falta de experiência da nova). É necessário ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Esta ponte deve consistir em um sistema de reivindicações transitórias que parta das atuais condições e consciência de largas camadas da classe operária e conduza, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado".

Por sua vez a FTI-CI esclarece que assina como está escrito mais acima a citação do programa de transição, principalmente a que se refere a premissa fundamental para todo Programa marxista e de ação revolucionária, de que a crise da humanidade se reduz na crise da direção revolucionário do proletariado. E esclarece que considera que a caracterização sobre a situação pré-revolucionária mundial do programa de transição, foi uma caracterização de um momento preciso desta época de crise, guerras e revoluções, em 1938, quando foi fundada a IV Internacional. Nós trotskistas principistas da FTI-CI consideramos que desde a década' de 40 esta época de crise, guerras e revoluções, passaram por diferentes situações: uma situação revolucionária ao sair da segunda guerra mundial, e que esteve colocado o problema da tomada do poder pelo proletariado nos países imperialistas europeus e no mundo semicolonial. Logo, uma situação reacionária até 1968, quando se deu a crescimento do pós-guerra, a traição do stalinismo e a coexistência pacífica. Uma situação revolucionária de 1968 a 1978; e posteriormente uma transitória até 1989, quando se abre após a derrota que significou a queda dos estados operários, uma situação não revolucionária até 1997. E de 1997 até os dias atuais, nós vivemos uma situação pré-revolucionária, cuja abertura coincide com o começo da crise econômica mundial com um Ascenso, com focos

revolucionários no mundo semicolonial, e com contenção nos países imperialistas pelo peso das aristocracias e as burocracias operárias.

A apreciação do POM nos aspectos da caracterização de um programa escrito em uma situação dada corre o risco de ser dogmática, posto que, por exemplo, se nós usarmos este método, nós poderíamos dizer que o POM revisa, no mínimo, as definições dos dois primeiros congressos da III Internacional que colocava que era uma situação revolucionária em toda a Europa e que estava na ordem do dia o problema do poder. Porém reivindicar isto para nós, seria um desastre, desde que nós consideramos que os aspectos da caracterização sobre situações em que se escreveram os distintos programas revolucionários do marxismo revolucionário estavam dados pelas diferentes combinações dos fatores objetivos e dos fatores subjetivos nos distintos momentos da luta das classes. Os que realmente renegam o método Marxista para caracterizar as distintas situações da luta de classe. São aquelas que negam o caráter desta época imperialista de decadência e absoluta e agonia do sistema capitalista. São os revisionistas e reformistas que reivindicam que, por distintos períodos, e inclusive historicamente, ha cessado a época de crise, guerras e revoluções.

Nota:

As organizações abaixo signatárias fazem registrar que não se responsabilizam pela política empunhada pelo POR de Argentina que reivindica os acordos firmados em Diadema, realizando e defendendo acordos programáticos com correntes burguesas e com o stalinismo, orientando-se a uma política de colaboração de classes e a aplicação das táticas que nós consideramos oportunistas. Se o POR não assume seus erros e corrige sua política, nós não poderemos marchar em comum por uma organização principista do trotskista.

Assinam:

FTI-CI; CWG, FT, POM, Oposição Operária e CCR

### **Posição De Trincheira Marxista sobre a ATA DA PRÉ-CONFERÊNCIA DE 01 E 02 DE FEVEREIRO EM BUENOS AIRES**

A pré-conferência primou por uma discussão democrática. Avançou na delimitações das diferenças, mas ficou aquém das possibilidades. Muitas diferenças de princípio não foram enfrentadas ou o foram de forma insatisfatória. Alguns desacordos já aparecidos em Diadema, em Buenos Aires ficaram maiores. Por exemplo: a questão da importância do partido revolucionário, o caráter da revolução, a revolução democrática. Portanto, de Diadema a Buenos Aires as bases programáticas comuns diminuíram. Buenos Aires serviu muito pouco para clarificar os desacordos de princípio. O método de discussão foi caótico. Não se respeitou pauta. A discussão não teve objetividade. Formalmente foram abordados apenas dois pontos da pauta, nos quais se discutiu tudo, com prejuízo das questões fundamentais Politicamente o Comitê de Enlace retrocedeu. A democracia se dá não apenas pelo direito irrestrito à palavra, mas também pela profundidade das discussões e, fundamentalmente, pela prioridade dada às questões mais importantes.

A perspectiva de um Comitê Paritário fica mais distante entre algumas organizações. Entretanto, esse objetivo ainda não pode ser excluído porque o debate, nas questões de princípio, ainda não foi feito com profundidade. É preciso que todo militante, mesmo o menos esclarecido, saiba porque seu grupo veio a participar ou não do Comitê Paritário. Fazer esse debate é nossa obrigação. Não precisamos concordar, precisamos esclarecer.

Ao nosso ver as questões mais importantes são as seguintes:

- a importância do partido revolucionário: se é necessário para todas as fases ou somente para a vitória da revolução;
- o caráter da revolução: trata-se de uma revolução burguesa pelas suas tarefas, ou uma revolução socialista;
- a revolução por etapas: a revolução é um todo indivisível ou possui etapas com características distintas, tais como "início da revolução" e "vitória da revolução";
- as burguesias nacionais mantêm ou não algum caráter progressista;
- a independência de classe e a frente única;
- as revoluções dirigidas por partidos operário-burgueses ou pequeno burgueses são a regra ou a exceção; se forem a regra então, justifica-se a tática de exigência a essas direções para que encabecem as lutas ou assumam o poder;
- a participação nos sindicatos;
- a questão do programa: devemos levantar um programa de transição ou um programa democrático. A pretensa existência de uma burguesia progressista ou de uma burocracia objetivamente progressista justificaria um programa democrático burguês.

Consideramos uma perda de tempo dar 60 dias para que cada tendência apresente propostas de temas para a discussão. Isso significaria inviabilizar o debate, porque em vez de iniciá-lo de imediato, se estabeleceria uma disputa sobre o que debater. Mesmo porque isso já foi definido em Buenos Aires. Recordamos: 1 - ditadura proletária e o caráter internacional de revolução; 2 - sindicatos e soviets; 3 - burguesia nacional; 4 - revolução cubana; 5 - Fórum Social Mundial; 6 - Centralismo Democrático e concepção de partido; 7 - Argentina; 8 - Brasil; 9 - Bolívia; 10 - Venezuela.

Trincheira Marxista, 19 de febrero de 2005.

## **Al VII Congreso del Partido Obrero Marxista de Brasil**

### **Estimados camaradas del POM:**

Desde la FTI-CI, enviamos un saludo fraternal e internacionalista a vuestro VII Congreso, con augurios de que el mismo sea un éxito, cumpla los objetivos que ustedes se han fijado y que signifique un paso adelante en la lucha internacionalista que en común estamos dando los grupos que conformamos el Comité de Enlace por una Conferencia Internacional.

Agradecemos nuevamente la invitación que nos hicieron a participar de vuestro Congreso, y lamentamos profundamente no haber podido viajar, como era nuestro deseo, para poder estar allí hoy con ustedes.



Como la distancia no es un obstáculo para los revolucionarios internacionalistas, queremos aprovechar esta carta para poner a consideración de vuestro VII Congreso una propuesta de campaña internacionalista. Por esa razón, les estamos enviando, adjunto a esta carta, la Declaración del Movimiento de la Marcha del Millón de Obreros de los Estados Unidos.

Como podrán ver en la misma, se ha establecido un gran debate y una lucha al interior del movimiento obrero norteamericano. Como esta declaración remarca, el sometimiento de la AFL-CIO a Bush y al Partido Demócrata, ha producido la mayor crisis de los sindicatos en los Estados Unidos. Se demuestra así que en esta época imperialista, en manos de la aristocracia y la burocracia obrera, y con programas reformistas, los sindicatos son llevados a la peor de sus crisis; y que su revigorización vendrá solamente de manos de los obreros más combativos de la clase obrera, y de un programa revolucionario.

Llega a su fin en los Estados Unidos la política de "organizar a los no organizados", de Sweeney y demás traidores de la AFL-CIO, demostrando que en los sectores más explotados, los obreros afro-americanos, los inmigrantes, los desocupados, están surgiendo los batallones que, en contra de la aristocracia y la burocracia obreras, volverán a poner en pie a la clase obrera norteamericana. Nosotros nos sentimos orgullosos de esta declaración de los obreros de los Estados Unidos que plantea que el futuro de la clase obrera norteamericana está en manos de sus sectores más explotados, que son una parte fundamental de este movimiento que se está poniendo de pie.

De esta manera, contra esta aristocracia y burocracia obrera de la AFL-CIO - integrante del Foro Social Mundial-, se pone en pie un intento de organizaciones obreras combativas y de sectores de vanguardia del movimiento obrero de dar una salida de lucha clasista, antiimperialista e internacionalista.

Más allá de las direcciones que este movimiento, aún incipiente, tenga a su frente, como fenómeno, es altamente progresivo para la clase obrera mundial, puesto que enfrenta a su propio imperialismo en la guerra de Irak, llamando para el 19 de marzo a una jornada de lucha antiimperialista e internacionalista contra la guerra, y sobre todo, porque llama a recuperar el 1° de mayo como jornada de lucha internacional de la clase obrera mundial.

La coordinación que este movimiento ha establecido con los jóvenes Zengakuren y con el sindicato ferroviario de Japón contra la privatización del ferrocarril en ese país, son jalones de coordinación internacionalista de las organizaciones obreras, y un soplo de aire fresco contra la política contrarrevolucionaria, de colaboración de clases y pérfidamente nacionalista que le inculcan a la vanguardia de la clase obrera mundial, el Foro Social Mundial y sus secuaces los renegados del trotskismo.

Camaradas, la propuesta que queremos hacerle a vuestro VII Congreso –y que por supuesto haremos llegar también a todos los grupos integrantes del Comité de Enlace- es la de lanzar en común una gran campaña internacionalista sobre las organizaciones obreras combativas de los países en los que estamos, presentando como moción en las mismas que adhieran a la Declaración del Movimiento de la Marcha del Millón de Obreros y que tomen en sus manos sus dos convocatorias de acción el 19 de Marzo y el 1° de Mayo.

Creemos que esta campaña y este llamamiento nos permitirían contraponer con claridad, a la política contrarrevolucionaria de colaboración de clases del FSM, una política de clase e internacionalista de sectores de la vanguardia combativa de la clase obrera norteamericana. Y sobre todo nos permitiría, ubicados en una

clara frontera de clase a nivel internacional, enfrentar a las direcciones traidoras y a los liquidadores del trotskismo que ponen a la vanguardia obrera y piquetera combativa de América Latina a los pies de las burocracias sindicales y de los gobiernos fantoches del imperialismo, y que los llevan, de la mano del stalinismo y el castrismo, a esa cueva de bandidos del Foro Social Mundial. Nos permitiría, por ejemplo en Brasil, dejar muy mal parado al PSTU en la CONLUTAS, y en Bolivia, al POR de Lora y a los demás grupos liquidadores del trotskismo. En Argentina, nos permitiría golpear duramente sobre el MAS, MST, PO, PTS y demás renegados del trotskismo que dirigen e influyen a lo mejor de la vanguardia combativa, como por ejemplo a los trabajadores del Subte que acaban de lograr una victoria después de una huelga y una lucha ejemplar. Creemos que el trotskismo, como fuerza internacionalista, no puede quedar al margen de este proceso histórico que comienza a esbozarse en la clase obrera norteamericana. No tenemos dudas de que ese proceso provocará en el futuro, crisis y estallidos que no dejarán vivir en paz a los liquidacionistas del trotskismo de los Estados Unidos, hoy arrodillados a los pies del castrismo, porque los pondrá frente a una encrucijada histórica: o continuar con su sindicalismo abyecto al interior de la AFL-CIO, de adaptación a la burocracia traidora de Sweeney y compañía, y con su subordinación al castrismo que controla al movimiento obrero negro; o ubicarse en la trinchera de la vanguardia obrera combativa y sus sectores más explotados e impulsar con todo este Movimiento clasista e internacionalista de la clase obrera norteamericana.

Camaradas: creemos que el trotskismo principista merece vivir en este despertar de la clase obrera norteamericana, y que el primer paso para ello es que las fuerzas principistas que nos hemos agrupado en el Comité de Enlace, lanzando esta campaña, llamando a adherir y a apoyar al Movimiento de la Marcha del Millón de Obreros contra la guerra, nos transformemos en los voceros de la vanguardia obrera combativa de los Estados Unidos en el seno de las organizaciones obreras y juveniles combativas de los países en los que estamos. Nosotros les enviaremos a la brevedad, como propuesta de texto para lanzar esta campaña, un llamamiento en ese sentido que estamos preparando para publicar en el periódico Democracia Obrera de la LOI-CI de Argentina.

Vayan entonces esta propuesta de campaña internacionalista, y un caluroso saludo internacionalista al VII Congreso de nuestros queridos camaradas del Partido Obrero Marxista de Brasil.

¡Viva el proletariado mundial! ¡Viva la revolución socialista internacional!  
¡Viva la IV Internacional regenerada y refundada!  
¡Adelante con la lucha por una Conferencia Internacional de los trotskistas principistas y las organizaciones obreras revolucionarias!

Walter Torres, Laura Sánchez y Martín César  
Por la Fracción Trotskista Internacionalista - Cuarta Internacional

Saudações ao POM

Trincheira Marxista saúda o Congresso do POM e manifesta seu desejo de que este contribua para além do próprio POM, para o avanço da política marxista,

do Comitê de Enlace e da vanguarda revolucionária, contribuindo para a superação da crise de direção.

Por absoluta impossibilidade, não pudemos, como gostaríamos, de estar aí presentes para colaborar e aprender com os companheiros. Nesse sentido, e como isso não foi possível, gostaríamos de propor um debate, por escrito, com os companheiros. Para começar, poderíamos explorar as possíveis diferenças aparecidas em Porto Alegre sobre a greve geral e o poder operário, sem prejuízo de qualquer outra discussão. De nossa parte, à muito tempo que pretendemos desenvolver a questão da greve geral. Seria uma boa oportunidade para crescermos através da crítica fraternal.

Esperando sua manifestação e o sucesso de vosso congresso, contem sempre conosco na trincheira do proletariado revolucionário.

Trincheira Marxista

Atendendo às deliberações da Pré-Conferência Internacional de 1 e 2 de fevereiro de 2005, na Argentina segunda a Ata acima transcrita, segue textos do POM sobre os temas propostos.

## **a) Caráter da Ditadura do Proletariado e da Revolução Proletária;**

### **Considerações quanto ao Programa de Transição**

#### **O Caráter da Revolução**

Sob a luz da Comuna de Paris verificou-se a importância imprescindível da Ditadura do Proletariado para opor-se violentamente ao regime do capital e fazer valer a força e os interesses da grande maioria e força motriz da sociedade, os operários e demais explorados em detrimento dos parasitas sociais, a burguesia opressora. A ditadura proletária que haverá de se instaurar por obra dos próprios trabalhadores através de uma Revolução Social que há de impor uma metamorfose radical na sociedade e em suas relações sociais; nas relações que imperam sobre a produção comum e os meios de apropriação desta.

Assim como a necessidade da Ditadura do Proletariado também acumulamos décadas de debates de qual é, em determinadas circunstâncias, o caráter deste processo revolucionário. Pois que sob o método degenerado condutor da Revolução conduz invariavelmente sempre a derrota dos operários.

A Consigna de Revolução e Ditadura do Proletariado se expressa como estratégia e delimita nossa tática.

A Ditadura do proletariado se caracteriza em duas dimensões. Uma expressa os anseios das massas e fundamentalmente se materializa nas ações diretas destas e nas decisões das Assembléias e tem sua extensão nas decisões Soviéticas e está intimamente entrelaçada obrigatoriamente com a democracia operária, na frente única operária expressado-se nos Sindicatos, nos Sovietes e

sua síntese a nível partidário no Centralismo Democrático. O segundo aspecto da Ditadura do proletariado diz respeito a dois aspectos: Reunir as condições para garantir a aplicação das decisões destas Assembléias e dos Sovietes, com o armamento organizado e centralizado do proletariado e como segundo aspecto da garantia como força repressora como síntese das decisões e vontade da maioria da população (braço armado do Estado Operário) na repressão e aniquilamento das forças minoritárias da reação burguesa e conspiratória às decisões das Assembléias e dos Sovietes.

Já o carácter da Revolução desprende-se na essência do desenvolvimento das forças produtivas, do sistema capitalista a nível mundial e das particularidades nacionais (desenvolvimento desigual e combinado) e da política predominante empreendida e gestada, apesar de tudo, pela direção desta. Pois sob a direção da social-democracia e demais apêndices da burguesia não há de se esperar menos que a política de conciliação de classes, a defesa da burguesia nacional com seus objetivos e interesses ora já internacionalizados (fase imperialista), a sujeição a este. E, por outro lado, sob a direção do proletariado há de superar-se as tarefas burguesas da revolução, principalmente nos países menos desenvolvidos para adotar o regime da Revolução Permanente, ou seja, não há de se restringir a tomada do poder ou reforma do capital, mas a destruição deste.

Contudo, a idealização disto, a predominância do proletariado para incutir um carácter realmente revolucionário neste processo, se dá efetivamente com a constituição do Partido Revolucionário Internacionalista que tenha por base o seu programa assimilado, defendido e difundido entre a massa.

Pela globalização da economia burguesa, pelo alto grau de concentração de poder e capital em superpotências (e suas indústrias multinacionais) concentramos todos os esforços no combate ao imperialismo, mas desde muito sabe-se que esta consigna, quando não dirigida pelo proletariado com consciência socialista, não ocasiona uma ruptura com o capital pois tendem a ideologia da burguesia reformista, de socialismo em um só país ou na aliança com as burguesias nacionais. Levantando assim o velho Programa Mínimo, das necessidades transitórias e imediatas da massa, como o pleno objetivo histórico desta. Pretendendo reformar as relações do capital ao invés de destruí-las.

Os revolucionários não ignoram o carácter "burguês" da Revolução Socialista (Proletária), por suas tarefas econômicas nos países arrasados. Pois que delas provém às reivindicações transitórias tal como descrito no Programa de Transição. Tampouco se detém nelas subjugando o processo revolucionário a tais prerrogativas. Aplicam a Revolução Permanente partindo do princípio que tais reformas não são possíveis dentro do sistema capitalista (principalmente hoje, em que toda e qualquer concessão à massa repercute em um ataque direto ao imperialismo devido a intensidade da crise estrutural do capital) e cabe a sua implantação apenas a Ditadura do Proletariado.

O que não significa que a Revolução iminente está dada em todo lugar a qualquer hora com a ausência do fator subjetivo inclusive.

A pergunta que se coloca é como, enquanto uma minoria irrisória e pouco representativa nos movimentos de massa, sem a mínima condição subjetiva que consiste o Partido e a consciência de classe, garantiremos a predominância do carácter proletário á Revolução?

Por nossa deficiência a massa é arrastada para o campo das bandeiras reformistas antes mesmo que se consume o processo revolucionário. O que nos

faz pensar então que conquistaremos essa predominância no seio das massas como direção em ocasião da disputa de poder?

A exemplo disto nos deparamos, por exemplo, com a questão da Frente Única Antiimperialista que para alguns não está colocada pela "inexistência" das burguesias progressistas e nacionalistas como as existentes por ocasião da realização do quarto Congresso da III Internacional; e ainda que não mais se cogita por que só propiciariam conciliação de classes e brechas à traição do proletariado.

O fato é que as burguesias nacionais, bem como o capitalismo em geral, perderam seu caráter progressista em virtude da entrada do capitalismo em sua fase imperialista e de sua monstruosa crise estrutural mas que ainda assim existem em casos isolados, seja sob as vantagens econômicas que a economia estatizada oferece (no caso de capitalismo de estado como na China). Seja politicamente, onde as burguesias locais alienam as massas na luta contra o imperialismo das outras burguesias e se fazem cada vez mais expressivas, ou ainda simplesmente no desenvolvimento de parte das forças produtivas (meios de produção), ou seja, a maquinaria, sem com tudo significar desenvolvimento das forças produtivas em geral, as quais permanecem estagnadas, apesar do exposto anteriormente.

Assim temos nos países desenvolvidos opressores a defesa do caráter Socialista e proletário da revolução, pela sua direção e pelas suas tarefas. Já nos países, coloniais e semicoloniais (oprimidos) o caráter da revolução será proletária, socialista pela sua direção, porém, com tarefas burguesas que antes realizavam a própria burguesia ou mesmo o reformismo que hoje em nossa época (imperialista) passou para o proletariado organizado como classe e para a Ditadura do Proletariado, ao contrario do que pensava Lênin antes das teses de abril, que era uma Ditadura Democrática do Proletariado. Com a teses de abril o Líder dos Bolcheviques veio para as teses defendidas por Trotski, ou seja, Ditadura do Proletariado, todo poder aos Sovietes. Que o Stalinismo desvirtuou e a transformou na tese da revolução por etapas e que Trotski lapidou e deu melhor fundamentação nas teses da Revolução Permanente.

Em vista disso ainda maior e freqüentes serão essas tarefas as antigas colônias ou semicolônias que são submissas a economia mundial, mas que possuem quadros e realidades peculiares. A Revolução nestes países também será Proletária, combinara as tarefas Socialistas com as tarefas burguesas momentâneas, devido a economia desigual e combinada que se dão nestes países. Por exemplo, no campo ainda se distribuirá e repartirá as terras dos latifúndios entre os sem terras que se transformarão em pequenos camponeses. O sistema de credito e do incentivo agrícola será voltada para o convencimento e da necessidade da coletivização destas terras, da necessidade da industrialização e o planejamento único da economia, a produção e a repartição desta igualitariamente.

Enfim, a tática de F.U.A. Serve para desmascarar estas burguesias ditas nacionalistas, para conquistar a massa que possui interesses imediatos e diferentes em cada país e que estão sob a direção destas burguesias, sem com tudo perder a independência política do proletariado revolucionário. Tarefa esta que se dá em condições específicas e com a predominância do partido operário revolucionário, hegemonicamente na direção do movimento. Assim, como a Revolução, está condicionada também, a existência do partido que a dirija e não permita a sua degeneração.

Reiteramos que a Revolução está submetido ao fator objetivo e subjetivo e não tão somente ao calor do combate espontâneo das massas.

### **As premissas objetivas da revolução**

Observamos as condições históricas para a revolução acumularem-se em uma realidade cada vez mais mortificante ao proletariado. Quando as forças-produtivas (das quais o elemento fundamental é o proletariado) não mais se desenvolvem e passam a ser ainda mais estranguladas. As medidas desesperadas do capital de mais e mais privações à grande massa avolumam-se e mesmo suas demagogias improvisadas e "frentes" não permitem o controle da massa. Quando o luxo da democracia formal já não tem mais efeito ou meios de ser aplicado, mesmo nos países em que a antiga acumulação de capital dava-lhes mais um fôlego.

Por assim dizer as condições estão, há muito, dadas para a Revolução. O Socialismo faz-se uma necessidade. *"Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise de direção revolucionária."*

Isso nos coloca diante do proletariado e suas direções:

*"As 'frentes populares' de um lado e o fascismo, de outro, são os últimos recursos políticos do imperialismo na luta contra a revolução proletária."*

Ou seja, quando um falha — por sua insuficiência para conter os anseios revolucionários da massa (mesmo instintivamente) diante da deterioração do capitalismo, o fascismo entra em cena; quando o período das meias medidas fica para traz, quando é preciso sufocar, dispersar ou destruir todas as organizações populares.

Com a traição da Revolução soviética, expressado pelo stalinismo em todas as suas formas, com a junção deste a Social Democracia e aos renegados do próprio Trotskismo, agravando a crise de Direção do proletariado, alimentando a desconfiança, o apoliticismo, confusão e etc..

Pela confusão que envolve as direções revolucionárias (ou do proletariado em geral) restringem-se à que "as leis da História são mais poderosas que os aparelhos burocráticos", condicionando assim a inevitabilidade da mudança, do choque, do conflito. Tomando-se isto pela Revolução e a superação do regime capitalista. Apregoando-se o fato de as massas defenderem-se ferozmente contra as ofensivas capitalistas como a plena consumação do processo revolucionário, apenas pelo combate espontâneo das massas.

Com base nessas realidades as correntes provem-se do direito de assumir o "controle" das massas com um método não menos desesperado sem, contudo, conquistarem o caráter de direção reconhecida pelo proletariado pela luta e programa empreendidos no cotidiano da luta de classes em defesa de seus direitos e não apenas imposta a este, por urgência do momento ou como simples alternativa às burocracias pelegas.

O que impedirá as massas de chocarem-se novamente com seus próprios aparelhos burocráticos conservadores diante da ausência do Partido

Operário cujo programa esteja ao menos fundido e assimilado pelas mínimas camadas operárias e sua vanguarda?

*“O principal obstáculo na transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária é o caráter oportunistas da direção do proletariado...”*

Sendo assim, mesmo que as leis da história sejam determinantes e impulsionem a mudança, não devemos nos apegar única e exclusivamente à elas. Pois que não devemos estar a reboque da natureza histórica dos acontecimentos. Por isso lutamos, para condicionar estes últimos as nossas necessidades não menos históricas. A do Partido/Programa para atuar como superestrutura que nos proverá de forças para infligir na sociedade uma mudança, mas não uma mudança qualquer (como a simples tomada do poder), mas a superação da Revolução na construção do Socialismo.

Mas a característica da situação em pré-revolucionária não se dá simplesmente pela existência das direções traidoras (de uma maneira ou outra, estas sempre aparecerão parasitariamente), pois que constituem o principal obstáculo, mas ainda assim um obstáculo a ser transposto. **É uma situação pré-revolucionária pela imaturidade do fator subjetivo**, pela estagnação do regime capitalista e da inexistência do Partido/Programa, fundido as massas, as suas organizações, à sua luta e ao seu cotidiano — pela inexistência da consciência de classe, a maturidade do fator subjetivo se mede pela construção e qualidade do Partido. Posto que a superação da tomada do poder só será viabilizada com a sintonia destes dois fatores (objetivo e subjetivo).

O Programa de Transição endossa esta consigna apresentando claramente uma realidade sobre os três requisitos para a conquista de uma nova sociedade e não apenas a tomada do poder, a saber:

- O grau de evolução das forças-produtivas tal qual propiciem o desenvolvimento de uma sociedade superior sob outros preceitos de produção;
- A predominância numérica e/ou política da classe proletária;
- *“A terceira condição é o fator subjetivo. Esta classe deve compreender a posição que ocupa na sociedade e possuir suas próprias organizações. É a condição que está ausente hoje, do ponto de vista histórico.”*

Ou seja, o fator objetivo é condicionante para a mudança social, e o subjetivo para que esta tenha sucesso e um caráter socialista, sendo que este último não pode ser trabalhado apenas a partir da tomada do poder. Trata-se pois da consciência da classe operária expressada na existência de seu Partido.

*A tarefa primeira dos revolucionários é a de combater as direções traidoras.* Mas como fazê-lo se estas não são de hoje ou de ontem, mas de sempre? Uma vez que elas surgirão mesmo depois que o proletariado, através de sua direção *revolucionária trotskista principista internacionalista etc*, estiver no poder.

Como travar a batalha de expulsar as direções traidoras do seio das massas, a qualquer tempo, sem embutir nesta última a consigna da construção do Partido? Caminharemos sem dúvida a Revolução, mas de maneira tão dispersa da consciência de classe que não haveremos de superá-la ou mantê-la.

## Programa Mínimo e Programa de Transição

Ainda hoje encontramos correntes que debatem-se entre o Programa Mínimo e Máximo para a Revolução que ora tendem a reformas do capitalismo como proposta imediata para melhoria da qualidade de vida – o que não se faz nem minimamente possível porque o capitalismo perdeu por completo o seu caráter progressista em vista da intensidade da crise de super-produção; e ora tendem ao socialismo utópico ou ultimatista.

O Programa de Transição compreende a defesa incansável dos direitos e conquistas dos trabalhadores, o que incute o desenvolvimento do fator subjetivo para o socialismo através da aprendizagem da massa mediante a impossibilidade de alcançar seus interesses históricos sob a égide capitalista. Quando *“as velhas reivindicações parciais ‘mínimas’ das massas se chocam com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente...”*, conduzindo assim os soviets *“cada vez mais aberta e resolutamente, contra as próprias bases do regime burguês”*.

Pela caducidade das tentativas de melhorias da qualidade de vida dos operários dentro do capitalismo, pelos antagonismos e desigualdades sociais, pelas cicatrizes que a massa vai colecionando ao longo da luta de classes, a classe operária a de se libertar (mesmo que possua consciência ainda parcialmente de sua situação e da importância de suas organizações).

Este trabalho “prosaico” dentre as massas é a verdadeira arma contra os traidores/burocratas. Posto que a organização popular em luta e a consciência de classe do proletariado são o que conduz, invariavelmente, a massa identificar as manobras e aparatos burgueses; e não as palavras inócuas dos revolucionários profeticamente. A constituição dos Soviets sob a direção revolucionária é a essência e a função do Partido.

*“A tarefa estratégica do próximo período — período pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização— consiste em superar a contradição entre maturidade das condições objetivas da revolução e a **imaturidade do proletariado e sua vanguarda** (ou seja o fator subjetivo)...”* Grifo e comentário entre parênteses nossos.

A consigna isolada de que a crise da humanidade se resume na crise de direção, pela intensidade das condições objetivas, nos leva a defender bandeiras e empunhar baionetas de modo “estranho” ao movimento operário, de modo equivocado e inseqüente. Basicamente esses anseios (desesperos) ultimatistas à massa e seus organismos escondem a aversão ao trabalho rude e paulatino da Revolução.

Deste modo *“o cumprimento desta tarefa é inconcebível sem a mais atenta atitude em todas as questões de tática, mesmo as pequenas e parciais”*, ou seja, *“o que distingue a época atual não é o fato de ela liberar o partido do trabalho **prosaico** diário, mas de permitir conduzir esta luta em união indissolúvel com as tarefas da revolução.”*

E desta união indissolúvel das tarefas da revolução compreendemos a construção do Partido/Programa fundido e assimilado respectivamente pela massa no teor da luta por suas Reivindicações Transitórias.



## **Quanto à vigência do Programa de Transição** **(em todos os seus aspectos)**

Travou-se uma batalha desde 1938 (da constituição do Programa de Transição e muito antes ainda) por se dizer que já passara da hora para a conquista do poder pelo proletariado. Por combater os revisionistas que ainda, e principalmente, hoje se fazem presentes. Por demonstrar a maliciosidade da defesa incondicional do Programa Mínimo; assim a infantilidade do salto por este até o Programa Máximo.

Estes dilemas estão colocados hoje muito mais consolidadamente no planeta, mas com muita propriedade relatamos que estas polêmicas já foi há muito exauridas e os conchavos contra-revolucionários não mais deveriam ser fustigados.

Devido à isto nos reportamos a vigência do Programa de Transição, quando diferentemente ao manifesto comunista contextualizado por Trotsky no próprio programa de transição, não adaptamos, aprimoramos ou desenvolvemos nada além do que já foi amplamente abordado nas questões polêmicas antigas, mas atuais.

Nosso quadro apenas se agravou e a burguesia conquistou uma vitória, as condições objetivas acirraram-se e o fator subjetivo atrofiou-se.

Em esmagadora maioria nos deparamos com os mesmos problemas e burocracias de sempre; e assistimos ainda ao velho "salto" por cima das Reivindicações e Tarefas do período transitório. Onde se observam análises sob um prisma fantasioso a casos isolados de pontos conjunturais serem aplicadas como método da luta de classes, negando, para tanto, o mesmo legado sob o qual se fundamentam e rogam defender. Ou em outras esferas a pura e simples traição do movimento operário com a velha tática de luta dúbia de conciliação de classes com prerrogativas "marxistas".

A estratégia da Revolução Permanente é o método pelo qual lutaremos pelo conquista do socialismo assumindo o seu programa, o Programa de Transição, como a nossa ferramenta para orientar e empreender as batalhas.

Na medida em que nos atemos ao programa mínimo abrimos precedente a conciliação de classes devido a influência e interesses da burguesia local, que trava a defesa deste como chamariz ao proletariado em luta que hora se faz imprescindível para ajudar na sua luta pelo poder ou mesmo sob a consigna de combater o imperialismo, que os consomem, enquanto na defesa da existência do proletariado e do direito destes serem explorados.

A defesa da Revolução e Ditadura do Proletariado juntamente com as lutas pelas reivindicações transitórias se faz necessário diariamente. A tática da luta direta, da organização de massa Internacionalista e independente (os Sovietes) mostra-se como se fosse o caminho.

## **b) POLÍTICA PARA OS SINDICATOS E OS SOVIETES**

### **LUTA DIRETA E ORGANIZAÇÕES DE MASSAS DOS TRABALHADORES**

#### **INTRODUÇÃO**

A luta de classes (do proletariado) deve ser analisada do ponto de vista do materialismo histórico e dialético, em que se considera objetivamente o conjunto das relações mútuas de todas as classes, sem exceção, que formam determinada sociedade, o grau de desenvolvimento dessa sociedade e suas relações com as formas das sociedades anteriores à capitalista e os prognósticos da Sociedade Comunista Superior. O Marxismo resume a história das Sociedades como sendo a história da luta de classes. Desta maneira, a luta de classes não pode ser considerada de modo estático; ao contrário, é dinâmica e dialética, ou seja, em movimento cujas leis emanam das condições internas da sociedade, especialmente nas relações de produção vigente. Esse movimento deve ser tomado não só do ponto de vista do passado, mas também do futuro bem como não com o critério dos evolucionistas, onde só percebem modificações lentas. Os Revolucionários nos Sindicatos devem perceber as contradições principais e secundárias presentes na sociedade e que afeta a vida real das massas; assim, a luta de classes se manifesta dialeticamente. A burguesia agirá com o intuito de retardar os fenômenos de acirramento desta luta que se manifesta inclusive instintivamente, organizará os grêmios esportivos, estimulará a concorrência entre o operariado, exercerá um controle científico sobre os focos de sublevação a ordem produtiva fabril capitalista. Já os dirigentes Sindicais Revolucionários deverão estar aptos a se adequarem a qualquer situação no interior das fabricas. Trabalhar na clandestinidade, porém agir, às vezes expressar abertamente e inclusive legalmente usando das CIPAS e outros organismos constituídos no interior das fabricas, se infiltrar nos grêmios organizados pelos patrões por intermédio dos chefes, nas rodas de jogos nos intervalos, nas rodadas de lazer mesmo nos bares, essencialmente lutar diariamente contra uma tendência quase que normal de distanciamento e arrogância que acaba ocorrendo entre os operários militantes que acumulam conhecimentos teóricos, se armar da paciência revolucionária e se apoiar nas contradições principais para agir e agir.

A tática do proletariado deve levar em conta, em cada grau do desenvolvimento, a cada instante, esta dialética inevitável da história humana, utilizando as épocas de estagnação política, para assim desenvolver a consciência, a força e a capacidade combativa da classe avançada; canalizando todo esse trabalho de utilização para a meta final do movimento dessa classe, capacitando-a a resolver na prática as grandes tarefas quando chegarem os grandes dias.

O processo de industrialização e a criação das grandes indústrias concentraram num só lugar uma multidão de pessoas desconhecidas umas das outras. Mas a defesa dos salários, interesse comum frente ao patrão, unifica-as numa idéia comum de resistência e de coalizão. As coalizões, mesmo que a princípio isoladas, organizam-se em grupos e diante do capital sempre unido, manter e ampliar essa associação devem ser para os revolucionários o ponto mais importante, a luta em defesa dos salários e das condições de trabalho, do emprego deve ser uma ferramenta de manutenção constante desta coalizão. Nessa luta, reúnem-se e desenvolvem-se todos os elementos necessários para a emancipação política. Ao se chegar nesse ponto, a coalizão adquire caráter

político. Diante de nós, temos o programa e a tática da luta econômica do movimento sindical de dezenas de anos e de toda prolongada época e agora mais do que nunca da luta pelos Sovietes, luta esta em que o proletariado prepara suas forças para a insurreição.

A prosperidade industrial, o imperialismo, a ultra-organização patronal criou e ainda cria tentativas de comprar operários e afastá-los da luta; corrompe; criou-se as aristocracias e as burocracias sindicais e com isso desaparece nele toda "energia revolucionária" e mesmo a democracia dos operários. É preciso, no entanto, da propaganda e da agitação revolucionária, além da defesa incondicional de seus direitos até que os operários se livrem da contaminação burguesa.

Com o desenvolvimento tecnológico acelerado da grande indústria, arruinam-se os pequenos artesãos, os pequenos camponeses e por que não dizer nos dias de hoje, os pequenos empresários das pequenas indústrias e dos pequenos comércios. Esse processo de destruição gradativo imposto pelo capitalismo fez com que arrastasse a grande massa de operários para as cidades e regiões fabris e industriais, transformando-os em operários privados de qualquer forma de propriedade, ou seja, de um lado ficaram os burgueses proprietários dos meios de produção e de outro amontoou o proletariado nos grandes centros urbanos desprovidos de propriedade, somente contando com sua força de trabalho e sua mente.

O ascenso do capitalismo implica em enorme aumento da riqueza e do luxo entre uma parcela muito pequena de industriais, comerciantes e latifundiários e num crescimento ainda mais rápido da miséria e da opressão sobre os operários. Os aperfeiçoamentos alcançados na produção pelas grandes fábricas e o emprego de maquinaria cada vez mais modernizada colaboraram e contribuíram para uma elevação da produtividade do trabalho social, fortalecendo ainda mais o poder dos capitalistas sobre os operários; para incrementar o desemprego e com ele o desamparo total aos operários.

Ao fortalecer em grau máximo o jugo do capital sobre o trabalho, as grandes fábricas geram uma classe especial de operários que instintivamente lutam contra o capital, pois suas próprias condições de vida destroem todo vínculo com a propriedade individual e, agrupando os operários num trabalho conjunto e atirando-os de uma fábrica para outra, aglutinam as massas operárias. Os operários iniciam a luta contra os capitalistas, e neles nasce um forte movimento de unidade. Dos distúrbios operários nasce a luta da classe operária. Essa luta da classe operária contra a classe capitalista é uma luta contra todas as classes que vivem às custas do trabalho alheio e contra toda exploração. Essa luta só pode acabar com a passagem do poder político para as mãos da classe operária, com a entrega de toda a terra, instrumentos de trabalho, fábricas, máquinas e fontes de energias para as mãos de todo o proletariado para organizar a produção socialista, na qual tudo o que é produzido pelos operários e todas as melhorias introduzidas na produção devem redundar em benefícios do trabalhador em geral.

O movimento da classe proletária de cada país, por seu caráter e seus objetivos, deve ser parte do movimento internacional contra a exploração e opressão do capital.

Na luta da classe proletária de cada país por sua emancipação política, os principais obstáculos têm sido desde muito tempo, os governos burgueses/imperialistas, de frente populares, os nacionalistas, os ditos socialistas

e contra-revolucionários, as burocracias sindicais, os partidos políticos burgueses e pequeno-burgueses. Apoiados nos privilégios dos latifundiários e dos capitalistas, estes negam todo o direito às camadas inferiores, com o que entorpece o movimento operário e freia o desenvolvimento das forças produtivas e de todo o povo. Por isso, a luta do proletariado por sua emancipação política impõe necessariamente a luta contra o poder ilimitado destes; a luta da classe proletária por sua emancipação é acima de tudo uma luta política e sua primeira tarefa consiste em alcançar a liberdade política; a emancipação política do proletariado deve ser obra do próprio proletariado; os trabalhadores não necessitam de ajuda de governos deste tipo e de seus funcionários corrompidos e reacionários; o que necessitam é emancipar-se do jugo destes.

Baseando-se nesses conceitos, os revolucionários devem trabalhar no seio das massas, nos sindicatos, nos comitês e associações com o programa de reivindicações imediatas e transitórias bem como agitação, propaganda e como uma ponte ligar esta luta pela revolução e Ditadura do proletariado. Para isso, defendemos e lutamos por:

- Liberdade de fazer reuniões nos locais de trabalho; de constituir associações operárias e Sindicatos, comitês de fábricas e de bairros; cooperativas anticapitalista, lutar incansavelmente pela união destes, na formação dos Sovietes.
- Liberdade de fazer manifestações públicas contra a exploração e a opressão do capital bem como contra o imperialismo e suas guerras; liberdade de fazer greves e piquetes.
- Liberdade de expressão e plena igualdade para todos os trabalhadores, defesa da democracia operária; liberdade e autonomia de direito pleno a todas as nacionalidades.
- Contra as perseguições políticas; contra as demissões; pelo fim dos processos criminais e administrativos de todos os trabalhadores; pleno direito e defesa a todos os trabalhadores.
- Plena liberdade de trânsito para os trabalhadores entre países e nações e de residência; liberdade de atividade econômica e de profissão.
- Repartição das horas de trabalho a todos os trabalhadores sem redução de salário; aumento de salário de acordo com o aumento do custo de vida (escala móvel de salários).
- Pelo fim das horas extras, do banco de horas e do trabalho noturno não remunerado.
- Pelo fim das terceirizações como forma de defesa dos direitos trabalhistas e de acabar com a exploração e superexploração do trabalho alheio.
- Pela reestatização de todas as empresas estatais privatizadas.
- Contra o preconceito e o racismo, pelo fim do capitalismo.
- Proibição do trabalho de crianças menores; pelo fim do trabalho aos finais de semana.
- Total assistência aos idosos, aos doentes e aos deficientes físico e mental.
- Controle e inspeção da produção nas fábricas a cargo dos operários, eleitos pelos próprios operários.
- Construção de mais moradias, escolas, universidades, hospitais e postos de saúde bem como áreas públicas de lazer para todos os trabalhadores e seus filhos, nas cidades e no campo, pelo fim da contradição da cidade e do campo.

Em defesa da Educação Pública totalmente gratuita em todos os níveis, laica e científica:

- Pela redução do número de alunos por classe, por mais verbas sob o controle da comunidade escolar, por mais equipamentos áudio-visual e material didático-pedagógico.
- Pela contratação de mais funcionários para as escolas com salários dignos.
- Pela criação de um sistema único de ensino público em todo o país e ao mesmo tempo lutar pelo fim das escolas privadas.

•

Pela Revolução Agrária:

- Terra, condições de trabalho, maquinário, orientações técnicas e financiamento aos camponeses.
- Anistiar empréstimos de pequenos camponeses; isentar os pequenos camponeses de impostos.
- Lutar para que seja dado aos trabalhadores do campo os mesmos direitos e garantias dos trabalhadores da cidade como registro em carteira, previdência social, condição de trabalho, férias, 13º e etc.

Abaixo a barbárie capitalista

Em defesa dos Direitos históricos do Operariado Internacional;

- Contra as reformas imperialistas que retiram direitos sociais e trabalhistas;
- Queremos empregos e salários;
- Queremos Escolas;
- Queremos Moradia;
- Queremos condições de vida com abundância;
- Contra o imperialismo e suas guerras;
  
- Por um partido mundial da revolução social a partir das seções nacionais.
- Em defesa do Sindicalismo Revolucionário;
- Em defesa da Unificação das lutas e dos lutadores, pelos Sovietes campo e cidade;
  
- Por um governo operário e camponês;
  
- Pelo fim do capitalismo; pelo fim da propriedade privada; pelo fim das classes sociais; pela socialização dos meios de produção; e pelo socialismo rumo ao comunismo.

## **FORMAS E MÉTODOS DE COMBATE DIRETO**

As formas e métodos de combate direto, suas proporções, assim como a questão da ofensiva ou da defensiva, depende de condições que não podem ser criadas arbitrariamente. As experiências anteriores da revolução socialista mostraram diferentes formas de ações parciais. É justamente baseado nos fatos e experiências históricas que os revolucionários devem lutar para por em pé tais métodos, com todos os cuidados e segurança como devem ter os autênticos

revolucionários, pois estamos vivenciando um momento difícil da história da luta de classe no mundo, porque o período é do pré-fascismo por parte dos governos e patrões.

### **Política para os grupos de autodefesa**

Esta questão é sempre deixada de lado pela maioria dos Revolucionários. O VII Congresso do POM delibera que a próxima executiva deverá encaminhar a formação de um agrupamento com esta perspectiva, tendo claro que esta tarefa se dará conforme bem retrata as polêmicas que precederam a aprovação do Programa de Transição entre Trotski e SWP; que nos piquetes de greves estão dada as melhores condições para colocar a transcendental importância de tais organismos.

Que também reivindicamos e estudaremos a política levada a cabo pelos primeiros trotskistas brasileiros na constituição da FUA (Frente Única Anti-fascista) em memória e em saudação ao grandioso feito realizado pelas diversas correntes e Partidos do campo proletário na expulsão e dissolução dos fascistas em que realizavam ATO 10 de outubro de 1934 na Praça da Sé em São Paulo.

### **OS SINDICATOS E O MOVIMENTO SINDICAL**

Os sindicatos foram criados pela classe trabalhadora/operária no capitalismo para representar as organizações operárias destinada a lutar por aumento de salários, redução da jornada de trabalho e melhoria das condições de vida e trabalho e, portanto contra a exploração capitalista. Pois bem, no trabalho organizativo dos trabalhadores, pela luta econômica, os sindicatos verdadeiramente proletários, colocam em cheque o desmoronamento do capitalismo, mas acima de tudo a organização da luta das massas contra o capitalismo, tendo como meta final à revolução proletária.

Os trabalhadores por um período se afastam dos sindicatos, mas acabam recorrendo a eles, pois ainda são um dos organismos que mais representam o proletariado apesar da crise de direção em que se encontra o proletariado mundial.

Os revolucionários devem estar no interior dos sindicatos trabalhando para organizar os trabalhadores em geral em busca de suas reivindicações imediatas e transitórias e no combate contra o capitalismo e sua burguesia. Para se travar este trabalho e combate no interior dos sindicatos é necessário que se estabeleça uma estreita relação entre a política do partido revolucionário e o movimento sindical, pois está provado na história da luta de classes que a união entre o partido revolucionário e os sindicatos se fez necessária e muito mais ainda nos dias de hoje. Isso se explica pelo fato de que é necessário levar aos trabalhadores, suas organizações e sobretudo para o interior dos sindicatos a política revolucionária bem como as tarefas da revolução socialista. Neste sentido, faz-se necessário que os comunistas façam uma união entre os sindicatos e o partido comunista.

As massas trabalhadoras procuram fazer dos sindicatos sua arma de combate contra patrões e governos e os revolucionários nunca devem perder de vista a unidade da organização sindical.

Os instrumentos de luta dos operários sempre foram as greves (parando a produção), as manifestações de ruas, as ocupações e etc.. Os social-democratas

e as igrejas que exercem forte controle ideológico sobre as massas, conduzindo-os a ilusão de que seus problemas serão resolvidos por meio das mobilizações passivas e de paz, por meio das instituições burguesas, etc.

Os sindicatos operários, dirigidos pelos revolucionários, representam e ainda representam para a burguesia e seus governos a destruição do capitalismo e suas formas de exploração e opressão sobre os trabalhadores. Sabendo disso é que a burguesia mantém a classe operária na escravidão não só pela força bruta, mas também por suas mentiras refinadas. No capitalismo, a escola mesmo a oficial, a igreja, o parlamento, a arte, a literatura e a imprensa são poderosos instrumentos de controle da burguesia, usado para embrutecer as massas operárias e fazer penetrarem as idéias burguesas entre o proletariado. Entre essas idéias burguesas que a classe dominante conseguiu implantar entre o proletariado, encontra-se a idéia da neutralidade dos sindicatos, do seu caráter apolítico frente a todo tipo de partido político.

Neste sentido, a burguesia não pode convidar abertamente os sindicatos para sustentarem os partidos políticos burgueses, pois este é o sentido que ela convida os sindicatos à não sustentarem nenhum partido político, muito menos o partido revolucionário.

Portanto, os sindicatos nunca foram, não podem ser e nunca serão neutros. A neutralidade ou o apoliticismo dos sindicatos frente aos partidos políticos só pode ser nociva à classe trabalhadora. Ela é irrealizável. No dualismo entre o trabalho e o capital nenhuma organização de massa pode ficar neutra.

A luta do proletariado faz com que haja uma aprendizagem a partir da experiência, das lições de vitórias e derrotas. Dessa luta saem os mais experientes para não só serem propagandistas dos ideais comunistas, mas também condutores resolutos da ação econômica e sindical. Portanto, a tarefa da vanguarda revolucionária consiste em acelerar com trabalho de agitação, propaganda e educação a unidade do proletariado sob palavras de ordem e métodos revolucionários. É só com esta condição que os revolucionários irão cumprir sua tarefa de despertar a consciência de classe do proletariado da cidade e do campo para sua emancipação política definitiva.

A crise de superprodução capitalista, tem obrigado a burguesia em geral a implementar reformas econômicas e políticas que visam retirar direitos dos trabalhadores e de restringir a liberdade de organização destes, em função da convivência deste regime em agonia permanente.

Livra os sindicatos das mãos dos oportunistas, colocando os comunistas a sua frente e fazendo deles órgãos de luta revolucionária pelo socialismo rumo ao comunismo, contra evidentemente o capitalismo é a tarefa transcendental do operariado consciente.

A fase de ruína do capitalismo e a luta econômica do proletariado se transformam em luta política, desembocando sempre na grande questão para os operários: revolução socialista ou barbárie capitalista.

A luta dos revolucionários pela tomada/reconquista dos sindicatos deve ser constante e para isso devem travar uma luta política (disputa dos ideais revolucionários) interna e externamente, com princípios e democracia operária.

Portanto, o papel dos sindicatos e dos revolucionários, no período que antecede o combate do proletariado pela tomada do poder, no período desse combate e após a conquista do poder difere quanto as relações, mas sempre permanecem como uma organização massiva, tendo como meta final e após a conquista a afirmação do poder proletário. A ação dos sindicatos e dos revolucionários se transporta, sobretudo, para o domínio da organização

econômica, concentrando todas as suas forças na construção de uma verdadeira estrutura econômica sobre bases socialistas, tornando possível assim uma verdadeira escola prática do comunismo.

Então, nesses três estágios da luta do proletariado, os sindicatos devem sustentar sua vanguarda, o partido comunista, que dirige a luta proletária em todas as suas etapas. Para isso, os comunistas e os elementos simpatizantes devem construir no interior dos sindicatos grupos comunistas inteiramente subordinados ao partido comunista em seu conjunto.

Contudo, o dever dos comunistas é explicar ao proletariado que a saída não é abandonar os velhos sindicatos para criar novos ou se dispersarem numa poeira de homens desorganizados, mas revolucionar os sindicatos, expulsar deles o espírito reformista e a traição dos líderes oportunistas, para fazer deles uma arma ativa do proletariado revolucionário.

## **SOBRE O SINDICALISMO REFORMISTA**

Sabe-se que devido à sua importância, seu grau de organização e de aglutinar trabalhadores para promover a luta da classe proletária pelas reivindicações imediatas, por melhores condições de vida e trabalho e contra o poder do capital e seus detentores, os sindicatos por ação da burguesia e seus governos, foram colocados sob as garras do capital e da democracia formal.

A burguesia ainda hoje sabe de sua importância e desde muito tempo atrás tratou de construir os seus próprios sindicatos para se contrapor a política de mobilização, agitação e reivindicação do proletariado. Não bastando isso, tratou também de implementar a política burguesa no interior dos sindicatos operários, além de atrelá-los ao Estado burguês através de leis, cooptando lideranças por meio de afastamentos remunerados, dispensa de ponto para reuniões e eleições, etc.

Essa é uma das razões do porque que os trabalhadores de uma forma geral estão perdendo aos poucos os seus direitos que foram conquistados ao longo de anos. A atuação das burocracias sindicais, dos social-democratas traidores, conciliadores de classes e contra-revolucionários no interior dos sindicatos contribuem cada vês mais para que a burguesia e seus governos continuem a implementar sua política de destruição dos direitos dos trabalhadores e suas organizações, através de reformas imperialistas. Os partidos políticos burgueses e pequeno-burgueses juntamente com suas políticas, baseando-se na "luta" pacífica, nas conciliações de classes, no desvio da luta direta para as instituições burguesas (parlamento e justiça), no eleitoralismo e etc, hoje são considerados os principais entraves da luta de classe, freando o movimento operário em geral por suas reivindicações imediatas.

O corporativismo sindical, a falta de democracia operária e a política burguesa implementada pelas direções pelegas e traidoras tem sido outra arma que essas direções se utilizam para frear o movimento operário em geral como forma de permitir que os governos e burguesia imponham aos trabalhadores seus planos neoliberais, acompanhados de uma política fascista por parte destes de modo a controlar as massas através de migalhas e ideologicamente, perseguindo, demitindo e eliminando as lideranças que se opõe aos planos e ao regime de exploração capitalista.

No Brasil com o PT dirigindo a maioria dos sindicatos do país, com a ascensão deste ao poder máximo do Estado e com a Central Única dos Trabalhadores neste governo, levou e ainda leva a maioria dos trabalhadores a



acreditarem neste governo e de que é possível humanizar o capital com a criação de empregos, distribuição de renda, combate a fome e outras medidas ilusórias por um lado, e por outro este governo se utiliza desta confiança para implementar as reformas imperialistas atendendo os interesses do grande capital. Assim, além de promover confusão ideológica contribui com maior atraso no nível de consciência do proletariado.

Contra o poder do capital e da influência burguesa no interior dos organismos dos trabalhadores (sindicatos, associações, comitês, comissões, organizações independentes e etc) só existe uma saída para os trabalhadores: Somente a luta contínua do proletariado na perspectiva da unificação das lutas, dos trabalhadores em geral e em prol das suas reivindicações imediatas e rumo a construção de uma greve geral por tempo indeterminado como principal instrumento de luta que trará de volta e garantirá a manutenção de todos os nossos direitos e impedirá que os governos continuem implementando as reformas imperialistas.

Toda Direção sindical que não trave revolucionariamente a luta pelas reivindicações transitórias dos trabalhadores, contra o poder do capital, abrindo assim o caminho para a consciência de classe do proletariado e para a construção do partido revolucionário colocando a necessidade de por fim ao sistema capitalista, não é mais do que um agente do capital com sua política reformista, burocrática e traidora.

Abaixo a burocracia sindical! Abaixo o reformismo; Abaixo o fascismo!

## **SOBRE O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO**

O capitalismo vive numa profunda crise, crise esta que a denominamos de superprodução, onde a produção atingiu o seu grau máximo, acumulando somas infundáveis de produtos estocados a espera de consumidores. Com a evolução tecnológica, a maquinaria automatizada/robotizada fica cada vez mais potente no que se refere a produção no interior das fábricas, por um lado, e por outro, demite trabalhadores, rebaixa salários, desqualifica trabalhadores e piora ainda mais as condições de vida e de trabalho das massas. O que cria uma grandiosa contradição com uma grande massa de trabalhadores a mercê do uso e fruto dessa produção o que leva a burguesia a destruir forças produtivas.

As burguesias tanto dos países pobres/oprimidos como dos países ricos/opressores sobrevivem momentaneamente em meio a esta crise, e para isso, retiram direitos trabalhistas, formam blocos econômicos e promovem guerras como forma de se apoderarem de riquezas e mesmo de nações.

No atual estágio do capitalismo decadente e imperialista, as reformas que amenizavam esta a situação de miséria já não é mais possível. No entanto, houve uma época em que era possível fazer reformas que visavam um certo progresso e até mesmo a burguesia conseguia faze-las, o que a caracterizava como progressista. Conseguiram esta façanha em países como Inglaterra, França, Estados Unidos e outros; foram as chamadas reformas agrárias, burguesas, portanto, para atender os próprios interesses da burguesia rural e industrial.

No campo do sindicalismo (já reformista) surgem os social-democratas, os contra-revolucionários, os traidores que já por volta de 1914 se passaram para o lado da burguesia e saíram em defesa da guerra imperialista como forma de anexar territórios, de se apoderar de mercados consumidores e matérias-primas. Essa corrente política, já nessa época, foi totalmente desmascarada diante dos revolucionários como traidores dos interesses históricos do proletariado. Na atual

conjuntura do sindicalismo mundial essa corrente política continua atuando no interior das organizações operárias com a adoção do velho programa mínimo (o programa das reivindicações imediatas) e o Programa Máximo, o Socialismo só para as grandes festas.

Diante de tal fato histórico, nós trabalhadores, lutadores e sindicalistas revolucionários estamos diante de dois tipos de sindicalismo: O reformismo dos social-democratas, dos stalinistas, dos burocratas, dos partidos políticos burgueses e pequeno-burgueses bem como das correntes políticas pequeno-burgueses que se baseiam no tal do programa mínimo e programa máximo, que se sustentam na luta econômica, no corporativismo sindical, nas reformas sociais que evoluíram para as reformas imperialistas, na democracia formal, no socialismo de mercado, na manutenção da burguesia no poder e sua propriedade privada dos meios de produção, na conciliação de classe, na contenção das lutas e dos lutadores e nas instituições burguesas. De outro lado temos a defesa do sindicalismo revolucionário, dos marxistas revolucionários, da defesa do programa de transição da quarta internacional comunista, escrito por Leon Trotski, que continua vigente em nossos dias e que aponta para a luta pelas reivindicações imediatas e transitórias das massas trabalhadoras fazendo delas uma ponte para a expropriação da burguesia/pelo fim da propriedade privada dos meios de produção, pela coletivização destes como forma de implantarmos o socialismo e a ditadura do proletariado, expandindo-o para todos os países e com isso atingiremos o comunismo, uma sociedade sem classes sociais e sem a exploração do homem sobre o próprio homem.

Portanto, para os revolucionários atuarem no interior dos sindicatos e das organizações operárias se faz necessário e urgente a defesa da propaganda e aplicação do programa de transição da quarta internacional comunista para combatermos o corporativismo sindical, o individualismo, para trabalharmos no sentido de unificarmos as lutas e os lutadores, sempre com democracia operária, em defesa dos movimentos sindical e popular, em defesa das greves e das ocupações como forma de preparar o proletariado para sua tarefa, que emancipará de vês, toda a classe explorada do jugo do capital e seus detentores.

### **POLÍTICA PARA CRIAR E ATUAR NOS SOVIETES**

Desde sua ascensão até os dias de hoje, o capitalismo sempre teve como princípio e meta a sede de lucro insaciável. Este princípio propiciou e propicia a acumulação de riquezas nas mãos de poucos e conseqüentemente produzindo miséria, fome e violência para a maioria da classe explorada. Hoje, com a crise de superprodução, o capitalismo, na sua fase imperialista necessita de saídas momentâneas para esta, e para isto retira direitos dos trabalhadores em geral através de reformas imperialistas como as que estão sendo implementadas em todos os países pobres/oprimidos (a exemplo do Brasil), inclusive nos países ricos/opressores, além de desempregar em massa trabalhadores, rebaixar salários e etc.

As idéias burguesas introduzidas no interior dos sindicatos foram assimiladas rapidamente e a muito tempo são utilizadas pelos burocratas pelegos e social-democratas traidores, fazendo dessas, uma arma poderosa para que a burguesia continuem agravando a condição de vida dos trabalhadores através do aumento constante da exploração e opressão capitalista.

Esses sindicalistas pelegos e traidores (a exemplo do PT) há anos se apoderaram da maioria dos organismos dos trabalhadores (os sindicatos) e ao se

utilizar dessa política burguesa tem e muito contribuído para que os trabalhadores ao longo de anos venham perdendo direitos que foram conquistados com muita luta, sangue, suor e lágrimas.

As greves quando acontecem são na sua maioria isoladas das outras categorias e na maioria das vezes boicotadas por suas direções pelegas e burocratizadas. Em hipótese alguma as lutas são unificadas e nem propagandas fazem de tal necessidade. Greve geral se depender destes nunca mais. As saídas para os burocratas como forma de continuarem iludindo os trabalhadores estão sendo o parlamento, a justiça burguesa e etc. Os lutadores que defendem os métodos e a política revolucionária no interior dos sindicatos, nas assembleias e nos movimentos de massa dirigidos por estes traidores são rechaçados, punidos e até mesmo entregue a polícia ou aos órgãos governamentais.

O corporativismo sindical leva ao individualismo, a arrogância, a ganância e a ilusão de que um dia o trabalhador poderá se igualar ao rico explorador. Isso significa que os vícios da democracia burguesa estão realmente impregnadas na mente dos burocratas confundindo ainda mais os trabalhadores.

As correntes políticas e os agrupamentos políticos que hoje no Brasil e no mundo defendem devido a burocratização dos sindicatos o abandono destes, e da simples forma mágica de construção de organismos autônomos, acabam por negar o essencial da luta de classe que é expressa dentro das fábricas e nos sindicatos operários. Na verdade estas organizações são defensoras da revisão do marxismo e ao negar os organismos históricos de luta de classe dos trabalhadores, o fazem com muita ênfase e maestria.

O período em que as reformas burguesas traziam benefícios para a classe trabalhadora ficaram a muito tempo para traz na história de luta de classe. Não há como humanizar o capital, pois a fase é de aprofundamento da barbárie capitalista em função da crise deste sistema apodrecido.

A evolução dos sindicatos e demais organizações dos trabalhadores sem dúvida acompanharam a evolução do capitalismo e dos meios de produção. Hoje, com o avanço tecnológico e conseqüentemente o agravamento da crise do capitalismo está colocado para todos nós lutadores e o conjunto do proletariado uma tarefa de fundamental importância. Esta tarefa inclui a de unificar todos os oprimidos.

As centrais sindicais operárias desde o início assumiram um papel fundamental na organização e luta dos explorados, tendo em vista o agravamento das condições de vida da classe trabalhadora, o desemprego, a informalidade e etc. A construção de um novo organismo desse tipo só terá sentido se se constituir num organismo de organizações amplas (os soviets) que englobe todos os oprimidos, com um fim determinado, ou seja, de por fim ao sistema capitalista. Só assim poderá se transformar em alternativa de luta contra o capitalismo e seus detentores.

Em 1905, na Rússia Soviética, se constata o aparecimento desse tipo de organização em que extrapolava os limites do corporativismo sindical bem como a legislação vigente, os impostos sindicais, os privilégios dos dirigentes e os acordos de conciliação de classes. Os soviets ou união dos conselhos operários são organizações livres que agrupam os oprimidos em geral. Que não se limita a esta ou aquela categoria.

A união dos empregados, desempregados, subempregados, autônomos, funcionalismo público, pequena burguesia oprimida, sob a direção do movimento operário, com os sindicatos dirigidos pelos revolucionários, libertando-os e os transformando em ferramenta de união e luta de todos os oprimidos.

A teoria deve guiar a prática e a prática deve ser instrumento de aperfeiçoamento da teoria. Os soviets mesmo tendo surgido nos momentos de grande convulsão social, mas mesmo assim, com os burocratas dirigindo nossos sindicatos e hoje no Brasil com a social democracia no poder, é condição de extrema necessidade que os dirigentes sindicais revolucionários trabalhem incansavelmente para por em pé o renascimento dessas organizações superiores que se tornarão fundamentais e imprescindíveis para a luta de classe e a tomada do poder burguês para as mãos do proletariado.

O verdadeiro marco histórico da luta de classe do proletariado mundial, tendo-se como referência os soviets, que se estruturou de verdade em 1917, culminou com a tomada do poder proletário na Rússia Soviética.

Hoje, no Brasil e no mundo, mais do que nunca, os soviets são a única forma conseqüente de organização ampla que poderá canalizar a luta da classe explorada contra a classe exploradora.

### **CONSELHOS DE PRODUÇÃO**

Com o objetivo de impulsionar a luta contra o capitalismo e controlar a produção, os comunistas devem organizar em todos os sindicatos e conselhos de produção frações (células) comunistas.

Na luta por melhores salários e melhorias das condições de vida faz crescer a consciência da classe operária e a necessidade de criar organizações próprias dos trabalhadores como os chamados conselhos de produção sob o controle dos operários.

### **COMITÊS DE FÁBRICAS**

A criação dos comitês de fábricas contra o capitalismo tem como objetivo principal o controle pelos operários de todos os ramos da indústria.

Os comitês serão forçados a ultrapassarem os limites do controle das fábricas para exercer o controle de ramos inteiros da produção e da indústria, como também sobre as operações financeiras. Em contrapartida, os burgueses e governos burgueses tomarão medidas rigorosas contra a classe operária, o que transformará a luta pela conquista do poder político pela classe operária, impondo dessa maneira a dualidade de poder para com este regime (do capital) por sua destruição pelos operários.

A propaganda a favor dos conselhos industriais deve ser constante e no sentido de convencer as massas operárias, inclusive àquelas que não pertencem diretamente ao proletariado industrial.

A tarefa dos comunistas inclui também os esforços que eles devem fazer para que os sindicatos e os conselhos industriais operários sejam tomados do mesmo espírito de resolução combativa, de consciência e de compreensão dos melhores métodos de combate.

Os sindicatos organizados na qualidade de pilares da indústria, apoiando-se sobre os conselhos industriais operários que representarão as organizações das fábricas e das usinas, ensinará as massas operárias seu dever industrial e revolucionário, formarão os operários mais avançados para a "direção" das empresas, organização e controle técnico dos especialistas. Estudarão e executarão, de acordo com os representantes do poder operário, o plano da política econômica socialista.

Contudo, os sindicatos devem estar subordinados aos principais elementos de combate e organização dos proletários, que compreendem respectivamente o partido e os soviets.

As organizações de base do proletariado (os comitês de fábricas, as comissões, os conselhos de representantes por setores, etc) devem ser guiados pelas reuniões e assembléias, ainda que estas sejam clandestinas.

**Às Organizações Sindicais, populares, Associativas, Movimentos e Organizações partidárias que reivindicam o Socialismo;  
Ao CONLUTAS;  
Ao MST; Ao PSTU; Ao PSOL; A todas as Correntes e Organizações de esquerdas**

### **Em defesa de uma Central Proletária Soviética**

O presente texto tem por objetivo propiciar discussão no seio do Movimento Operário, Camponês e Popular no Brasil visando darmos um salto de qualidade em termos de Organização dos oprimidos brasileiros.

A vida Sindical brasileira foi marcada por experiências das correntes do anarquismo e do movimento socialista e fruto da imigração de mão de obra Italiana e Espanhola. Nossa primeira legislação trabalhista e sindical foi redigida inspirada na constituição de Mussolini.

Já no século XIX, surgiam as associações que deram origem aos sindicatos: as Ligas Operárias com a organização das primeiras greves, movimentos reivindicatórios destinados à redução das jornadas diárias, aumento de salários e melhores condições de trabalho.

Os movimentos dos trabalhadores brasileiros também ganharam novo alento com as notícias da Revolução Soviética de 1918

Com a chamada revolução de 30 o então presidente da República, Getúlio Vargas, visando consolidar sua posição no cenário político através de medidas populares, empreende uma série de medidas visando a cooptação dos trabalhadores e à formação dos sindicatos, (criação do salário mínimo, da Justiça do Trabalho, instituição do imposto sindical e da jornada de trabalho de oito horas, obrigatoriedade da carteira de trabalho). A oficialização dos sindicatos resultou da promulgação da CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), conjunto de leis trabalhistas vigente até nossos dias. Desta forma, os sindicatos, ainda que assumindo nova força política, passam a se situar sob grande controle do próprio estado.

Em 1947 abre se uma onda de repressão aos movimentos e as organizações partidárias (operárias) obrigando-as a passarem para a clandestinidade. O lema da burguesia era combater o perigo do Comunismo. Na década de 60 houve então uma inédita organização de

trabalhadores do campo, surgindo no Nordeste as Ligas Camponesas, lutava pela reforma agrária visando mais democracia na distribuição das terras então dominadas pelos grandes proprietários e posteriormente, através do Primeiro Congresso dos Trabalhadores do Campo, realizado em 1961, os trabalhadores rurais exigiam a validade da CLT também para suas atividades. Em 1962 foi criada a Confederação Geral dos Trabalhadores e outros órgãos similares.

Foi com o golpe militar desferido sobre os movimentos dos trabalhadores em 1964 e a instalação do regime militar, que a burguesia conseguiu reprimir e acabar com os sindicatos através de intervenções e prisões dos líderes sindicais independentes.

Após 14 anos de ditadura militar inicia-se: os embriões do movimento sindical combativo que vinha a se potenciar na década de 80, dando surgimento ao Partido dos Trabalhadores e a CUT (Central Única dos Trabalhadores). O surgimento do PT e da própria CUT é marcado por uma década e meia de jejum de discussão política (podemos dizer assim, apesar da militância clandestina e toda luta contra a repressão havida neste período). Este fator de jejum político, a repressão havida, o assassinato e exílio de valiosos quadros do movimento operário, a falta de condições propícias para a construção de novos quadros devido a repressão e ausência mesmo da democracia formal, justifica as formulações teóricas programáticas vitoriosas no interior do PT, configurando-se como um partido burguês. No programa inicial do PT nunca esteve presente a estratégia revolucionária de

revolução de ditadura do proletariado, as teses programáticas relacionadas a dualidade de poder burguês versus proletário se manifestava confusamente na defesa dos núcleos partidários por fábrica ou categoria versus os núcleos eleitorais nos bairros. Já no campo da CUT a formulação próxima da dualidade de poder se manifestou na formulação inicial da Central dos Comandos de Base da CUT. Com as tentativas e luta pelas greves Gerais de 1983, 1984. Estes Comandos de Base da CUT no ABC Paulista foram verdadeiros SOVIETES, agrupando toda a população oprimida em luta nos bairros operários, piquetes de greves de 5 a 8 mil pessoas percorriam as ruas parando fabricas expulsado a policia, vamos liberar, vamos liberar! Por várias ocasiões houve confronto entre estes organismos e o dirigentes da Central que já dava os primeiros sintomas de combate burocrata. A vitória das massas e do Comando de Base era certa, fora burocratas, pelegos. Assim se manifestavam em relação aos ainda lideranças operárias nos Sindicatos hoje, parlamentares e ministros. Os intelectuais burgueses e pequenos burgueses que davam a linha programática ao PT e a CUT trataram logo de retirar da organização da Central a formula de organização de base superior.

O combate interno tanto no PT quanto na CUT foi ganho pela burguesia e seus agentes e o fator principal de peso que contribuiu para este fenômeno foi com certeza os 14 anos de jejum político. Hoje, após mais 20 anos de intensa movimentação política que representou a própria construção do PT e da CUT e todo o combate que se travou, não se pode retornar a um PT mesmo o de origem ou uma Central, sem trabalharmos esta, no sentido de

armar os oprimidos Brasileiros de esteios mestres no sentido da construção da dualidade de poder na cidade e no campo, burgueses versus proletários.

Este é o sentido desta contribuição.

Hoje que está se mostrando claro para os oprimidos a verdadeira política que está por traz do PT e da estrutura da CUT com o exercício do poder destes, não podemos simplesmente voltar ao passado próximo sem voltar ao passado histórico na luta Internacionalista propiciando o debate capaz de contribuir para a construção de uma Organização operaria no Brasil capaz de unificar todos os setores oprimidos, principalmente o operariado industrial e agrícola, os camponeses pobres que não exploram trabalho alheio, os pequenos sitiantes, os rendeiros, as bóias frias, os sem terras e as diversas categorias de assalariados tanto na cidade como no campo, englobando os assalariados dos serviços públicos bem como a defesa destes.

Diante da transformação da CUT em agência do estado burguês, diante do rompimento do melhor da vanguarda sindical com ela, da necessidade de impulsionarmos uma agitação pelo rompimento do conjunto dos trabalhadores, está colocada na ordem do dia a construção de uma nova organização, agora de nível superior, soviética. Nesse sentido, chamamos as organizações que compõem o CONLUTAS, o MST, os militantes e organizações que compõem o PSOL, bem como, a militância de base petista e independente e todas as organizações que se reivindicam do campo do socialismo a, através do CONLUTAS a:

- Organizar seminários encontros e plenárias públicas com participação da base em escala regional, estadual e nacional;

Que as forças que atuam na CONLUTAS, realizem, através das assembleias e plenárias de bairros, nos sindicatos nos movimentos populares, as associações de bairro, nos movimento estudantis, etc, chamando os trabalhadores a incorporarem na luta contra as Reformas e na discussão e construção da nova Central revolucionária do conjunto do proletariado;

- Defenda a necessidade das assembleias unitárias com os setores em luta, propiciando o combate unitário dos trabalhadores contra as reformas, LRF, pagamento da Dívida externa, acesso à terra aos camponeses

Essa nova organização de massa, independente da burguesia e seus partidos, não deve se submeter à legalidade burguesa. O seu reconhecimento deve ser conquistado na luta do proletariado, imposto pela mobilização, pela organização de base, pelos comitês de auto-defesa, pela sua postura de independência política em relação à burguesia. Essa nova central deve apoiar-se num programa de independência de classe, de reivindicações transitórias: a defesa do emprego, da redução da jornada de trabalho, de um salário mínimo vital, seu reajuste automático, do controle operário da produção, controle da inflação, do custo de vida, da expropriação da terra, de trabalho e moradia para todos, do justo intercâmbio entre a cidade e o campo, a defesa dos direitos sociais e trabalhistas, a expropriação dos capitalistas, dos setores chaves da economia, de todos os serviços públicos, da

socialização dos meios de produção (governo operário-camponês) como forme de enfrentar a barbárie capitalista, única alternativa do atual regime burguês. Esta é nossa contribuição aos agrupamentos que se disponham a compor esse movimento.

Para darmos impulso a esta luta e organização, convocaremos um Congresso com delegados com mandatos revogáveis e imperativos da base destas organizações e lutadores para formularmos de imediato uma ofensiva geral contra a reforma sindical e trabalhista em curso, contra a reforma universitária privatista e a reforma educacional que privatiza e precariza ainda mais a educação pública brasileira, por terra e condições de trabalho para os camponeses, por emprego, pelo salário mínimo vital, pela correção de

todos os salários e pelo aumento automático destes.

Pela construção na Cidade e no Campo de uma Organização Unificada (Central) que incorporem todas as formas de organização dos trabalhadores da cidade e do campo que luta contra a exploração capitalista e pela socialização dos meios de produção (Socialismo). Com este objetivo, se estructure nas organizações livres dos trabalhadores, unificando-as e centralizando a luta por meios de Seminários e Plenárias Públicas com a participação da Base, Assembléias, Comandos de Base (formado pelas comissões de fabricas, Associações dos bairros, Movimentos, Organizações Operárias), regional, Estadual, Federal e Congressos.

São Paulo janeiro de 2005.

**Assinam:**

**POM; Trincheira Marxista; CCR; Oposição Reconstruir na Apeoesp e Fração Trotskista, Oposição Operária.**

**Organizações que participam da seção brasileira do Comitê de Enlace por uma Conferência Internacional do Trotskismo principista e das Organizações Revolucionárias Internacionalistas.**

### **Romper com a CUT. O que é?**

#### **Sindicalismo Revolucionário ou o Sindicalismo Reformista e Burguês?**

Com a ascensão do PT ao governo e com a CUT se transformando em correia de transmissão deste, em chapa branca, com as medidas e reformas imperialistas que assumiu o governo Lula. Um importante setor do Movimento Sindical Brasileiro começa a romper com o Sindicalismo chapa branca e governista.

O surgimento da CONLUTAS veio dar forma a este rompimento, impulsionados pelo PSTU e vários outros setores sindicais, grupos e organizações políticas.

Muito se tem discutido nos últimos meses no Movimento Sindical da necessidade do rompimento com a CUT.

De fato o rompimento com a CUT é um avanço, pois demonstra uma disposição de luta e de resistência às medidas e reformas neoliberais de Lula. Defendemos este rompimento, mas não basta! Por que?



A CUT chegou aonde chegou devido o exercício do Sindicalismo podemos chamar burguês, reformista (tradeunionista), assentado na burocratização e na forma da representação formal (democracia formal). O eixo condutor desta central foi a domesticação da vanguarda lutadora ao Partido Operário Burguês (PT) que surgiu o qual, cumpriu majestosamente o papel de direcionar as energias e as consciências dos oprimidos para a ordem burguesa da propriedade privada dos meios de produção.

Romper com a CUT significa romper com o Sindicalismo reformista e burguês. Será isto que buscamos na CONLUTAS?

Com a avançada crise de superprodução capitalista e a conseqüente agonia deste regime em sua fase imperialista, as reformas capazes de melhorar o nível de vida das massas ficaram para traz, na história. No inicio do capitalismo este era progressista e assim também o era sua burguesia. Propiciava reformas como, por exemplo, a reforma agrária ocorrida por exemplo na Inglaterra, França, Japão, Suíça etc. No campo sindical operário desenvolveu juntamente com as reformas progressistas uma corrente política que veio a se denominar Social Democracia (o mundo Socialista do programa mínimo e do programa Máximo). Com o estourar do primeiro conflito mundial conseqüência já da crise de superprodução capitalista, este movimento ou corrente política foi totalmente desmascarado como traidores dos interesses históricos do proletariado, quando assumiram ao lado dos imperialistas a guerra por mercados, matérias primas e anexações.

Na fase do capitalismo imperialista as reformas sociais do interesse dos oprimidos e digamos de setores da própria burguesia deixaram a roda da história, visto que, o desenvolvimento desigual e combinado da economia entrelaçou, setores burgueses oprimidos com os setores imperialistas de forma que qualquer mudança substancial na economia e na base material da sociedade passou a mexer com a grande burguesia imperialista, razão da caducidade das reformas sociais em nossa época.

Assim como esta corrente social democrata deu prova de sua devoção aos imperialistas na grande guerra de 1914-1918, o setor que acabou capitaneando a primeira Revolução Operária vitoriosa do planeta se juntou aos traidores de 1914-1918 em uma sana aliança, assumindo o decadente programa mínimo e o programa Maximo e o tal de Socialismo em um só País. Os Marxistas foram perseguidos, criminalizados e barbaramente assassinados em nome do próprio Marxismo.

O legado desta luta de classes histórica e dialética nos aponta para duas espécies de Sindicalismo em nossa época. De um lado o Sindicalismo reformistas dos sociais democratas traidores de 14-18 a qual aderiram todo tipo de burocratas e inclusive os capitaneadores da Revolução Russa, os traidores, assassinos e pró-burgueses, os Stalinistas que se sustentam na luta econômica, reformas sociais sem reformas que evoluíram para reformas imperialistas, na democracia formal, do Socialismo de mercado, na sustentação burguesa da propriedade privada dos meios de produção, na conciliação de classes, na contenção das lutas diretas, no programa mínimo e nunca no máximo, na burocracia e como aprendizes de parlamentares e ministros burgueses. De outro lado caso queiram romper com a CUT, o Sindicalismo Revolucionário, que aponte para um programa de Transição, na luta econômica pelas reivindicações das massas como uma ponte pela expropriação da burguesia, pelo Socialismo Marxista apontando para as Organizações Soviéticas, aos Organismos e Auto Defesa rumo a Ditadura do Proletariado como sendo a única forma de resolução dos problemas do emprego, do salário, da terra, da moradia, da saúde, da segurança etc etc. Não enganar os

trabalhadores, falar a verdade mesmo que usamos da pedagogia, mas sempre a verdade. Não tem meio termo.

### **O rompimento com a CUT**

- 1) O rompimento com a CUT só se dará do ponto de vista operário se rompermos com os métodos burocráticos da CUT e com sua política, neste sentido apresentamos a proposta de Central Proletária Soviética, um rompimento com o reformismo e suas variantes, rumo a uma Organização de massa, Soviética preparando o caminho para o desfecho e necessidade histórica, o Socialismo.
- 2) Há várias maneiras de romper com a CUT. Uma delas é romper com o aparelho, fazer de conta que luta, contra as reformas imperialistas e com manobras, construindo outro aparelho sindicalista, tão burocrático e de conciliação de classe como a CUT, as marchas e contra marchas à Brasília poderá servir de adorno.

Esta história de não definição dos rumos da Conlutas como Organismo de classe com a alegação que tem que ouvir as bases é pura conversa fiada, foi este um dos principais argumentos usado pelo PT e a Direção da CUT para impor com o tempo a posição burocrática e prol imperialista de hoje. As alegações de que não está na ordem do dia uma estrutura que aponta para uma Central Soviética, que temos que trabalhar dentro do possível independente de nossas necessidades é a política do programa mínimo, não rompe com a CUT.

- 3) O PSTU e as correntes majoritárias da Conlutas tem que serem claros, pois o primeiro Encontro Nacional foi realizado nos marcos do Fórum Social Mundial, 1500 participantes para um dia de debate, uma afronta a independência de classe, visto que: O Fórum Social Mundial é um organismo Internacional de aglutinação e propaganda contra-revolucionário e reformista em prol do Imperialismo e ainda de 85 inscritos só puderam falar, 20, o corte ao debate e as torcidas organizadas lembra bem as ocasiões memoráveis dos petistas para impor a política estranha à classe.
- 4) O Sindicalismo Revolucionário em nossos dias de elevada crise de superprodução capitalista, segundo o Marxismo só pode ser o que aponta para o fim do capitalismo, que organize as massas pelas reivindicações transitórias e as eleve para a luta pelo Socialismo (EXPROPRIACÃO DA BURGUESIA), pois na fase do capitalismo em que nos encontramos, lutar por emprego, salários, contra as reformas imperialistas e etc. sem colocar a necessidade de por fim ao capitalismo é pura enganação dos trabalhadores mais uma vez.

Temos que:

- Dar uma definição Socialista na forma estratégica e ter como tática e método a Luta Direta das massas bem como, o mais amplo exercício da democracia operária e a constituições dos Organismos Soviéticos;
- Sairmos para a Rua, fábricas, bairros, escolas, ocupações e etc. Construímos as oposições Sindicais já na forma de Comandos de Base da Central Soviética;
- Irmos organizando a luta contra as reformas imperialistas, por emprego, salário, conquistas trabalhista e defesa dos serviços públicos, terra aos camponeses bem como condições e trabalho e repartição dos frutos deste trabalho etc. ;
- Varrer os burocratas e pró-burgueses dos Sindicatos;

- Juntamente com a luta pelas reivindicações transitórias nacionais exigir o fim imediato da ocupação no Iraque, pela vitória militar dos combatentes Iraquianos, que estes resolvam seus destinos, pelo fim dos ataques imperialistas a Palestina, retirada de todas as tropas de Haiti e inclusive e principalmente a brasileira;
- Orientação e luta contra as guerras capitalistas e imperialistas, pela revolução proletária;
- Colocar os Sindicatos no Brasil a serviço da Luta Direta e Internacionalista do Proletariado, pelas reivindicações transitórias (emprego, salário, terra e condições de trabalho aos Camponeses pobres, Moradia para todos etc), pelo Socialismo.

### **TRABALHO NA CONLUTAS**

A CONLUTAS nasce como alternativa de organização dos trabalhadores para lutar contra as reformas imperialistas do governo Lula e também porque a principal central sindical do país – a CUT – é parte integrante do governo e não só por isso, mas também porque há anos não tem tido uma política de enfrentamento com os governos e patrões e também porque já não mais representa o conjunto da classe trabalhadora nem tem tido o papel unificador e organizador das lutas e dos trabalhadores.

A CONLUTAS dirigida e centralizada majoritariamente pelo PSTU, corre o risco de se confirmar totalmente como mais uma organização burocrática e burguesa de contenção das lutas e do exercício da democracia operária, porque é um partido político pequeno burguês que exercita o centralismo burocrático no seu seio e apesar de negar os seus objetivos são estritamente eleitoreiros, como foi e é o PT e agora o P-SOL. Isso se reflete quando sua campanha contra as reformas se resume em encontros burocratizados e marchas a Brasília somente para protestar. Dizemos isso porque os governos e patrões atacam constantemente os direitos dos trabalhadores. A título de exemplo temos na educação do Estado de São Paulo a cada ano centenas de professores que ficam desempregados por conta da política de destruição da escola pública intensificada pelo governo Alckmin/Chalita que tem culminado com o fechamento de escolas e salas de aula; a greve dos professores em 2004 não foi defendida com veemência, mesmo tendo possibilidade de continuidade após a sua deflagração. Em encontro estadual da CONLUTAS colocamos a necessidade de a mesma se incorporar na luta contra o fechamento das escolas e o recuo foi de imediato.

O processo e método de construção da CONLUTAS para nós vêm se configurando meramente numa luta pela conquista e reconquista de aparelhos sindicais e o próprio fortalecimento do PSTU com a cooptação de militância, visto que o mesmo ao longo de anos em suas campanhas eleitorais vem sofrendo desgastes sucessivos e também porque tem perdido espaço para a criação do P-SOL – o novo PT.

O nosso trabalho dentro da CONLUTAS é no sentido de contrapor o Sindicalismo reformista ao Sindicalismo Revolucionário, que é necessário sucessivos e constantes debates para se construir um único instrumento histórico de lutas e de organização dos trabalhadores que seja capaz de aglutinar, organizar e unificar o proletariado e suas lutas de todos os setores, incluindo os desempregados, rumo as lutas pelas reivindicações transitórias e imediatas e que sirva realmente para se fazer delas uma ponte para a revolução social. É necessário para isso, da incorporação de todos os organismos de base do proletariado.

Nesse sentido, os nossos documentos devem enfatizar, prioritariamente, a criação desse organismo superior (os soviets), importante ferramenta para a emancipação da classe proletária.

A convocação de uma coordenação regional se faz necessário e urgente para começarmos discutir as crescentes demandas de lutas locais, ABC e regiões.

Devemos nos preparar e fazer o debate internamente nas reuniões da CONLUTAS e por fora, na base, com a militância, com materiais na rua, artigos para os jornais proletários, polemicas nos Sindicatos, com chamados a unificação e a luta direta, a construção dos comandos de base, a implementação da democracia operária, os mandatos revogáveis das direções e imperativos da base, a luta pela Ditadura do proletariado (governo operário e camponês) versos a luta parlamentar (governo dos trabalhadores) saído das eleições.

### **c) A Questão Cubana**

Na América, a implantação do socialismo já se dá nos marcos burocráticos e a Revolução Cubana acabou se sobrepondo à política foquista e pequeno-burguesa, nos embates com a Ditadura de Fulgêncio Batista e o Imperialismo Americano, assumindo o caráter socialista e instaurando o Estado Operário na América, luta esta que se deu de 1956 a 1962.

As empresas norte-americanas controlavam 75% das terras, 90% dos serviços e 40% da produção de açúcar(alíás, importavam quase toda a produção de açúcar). Em 26 de julho de 1953 um grupo formado pelo advogado Fidel Castro tenta iniciar uma insurreição com apoio de setores do Exército. Fracassa no assalto ao quartel Moncada, em Santiago. Castro é julgado e anistiado, exilando-se no México em 1954, onde funda o Movimento 26 de Julho e organiza um destacamento guerrilheiro que desembarca na província de Oriente em dezembro de 1956. Seu objetivo é alcançar Sierra Maestra e instalar uma base guerrilheira de onde possa expandir a luta para todo o país.

Fidel Castro Ruz (1927- ) é o político cubano que lidera a Revolução em 1959 e governa o país desde então. Filho de um rico fazendeiro espanhol, Fidel estuda direito e começa a se destacar na política em levantes contra o ditador Fulgêncio Batista. Como advogado passa a defender gratuitamente camponeses, operários e prisioneiros políticos. É preso em 1953, depois de frustrada tentativa de golpe, é condenado a 15 anos. Anistiado em 1958, vai para o México e começa a arquitetar novo golpe contra Batista. Conhece Ernesto Guevara, também conhecido como Che que se incorpora ao seletto grupo.

Fidel, como parte da história recente de Cuba, representava a real oposição ao regime de Fulgêncio Batista, acabou incorporando juntamente com seu grupo, toda a insatisfação do povo Cubano que era massacrado política e economicamente pela ditadura de Batista e pela opressão imperialista americana em todos os níveis. Assim, a revolução se consolida apesar de Fidel e seu grupo não ter em mãos um programa (Partido) e representava a luta contra a ditadura, pela reforma agrária e justiça social.

Com as medidas adotadas nos primeiros anos de seu governo, choca-se com o império americano e assim a revolução cubana se transforma em antiimperialista alinhando-se à União Soviética.

Ernesto Guevara, (Che) assume uma posição internacionalista e diante da organização da contra-revolução, do boicote e isolamento da Revolução Cubana e da situação colocada no Vietnã parte para a exportação da revolução usando o método que em condições particulares deu certo em Cuba. Assim, reúne 3 companheiros e se dirigem para o Congo, Víctor Dreke, que foi como Roberto Suárez, José María Martínez Tamayo , que foi com o nome de Ricardo e Ernesto Guevara, conhecido como Ramón. A

tentativa de revolucionar o Congo fracassa, planejam assim ir para Peru; não prosperando, se dirigem para a Bolívia e acabam todos mortos naquele país.

Fidel, aliado com a Rússia Soviética e com a política do Socialismo em um só país, da burocracia e seus privilégios, da convivência pacífica com o imperialismo, no máximo, tentava exportar sua política de unir os governantes burgueses da América para se contrapor aos embargos americanos.

**Em 1961 os EUA cortaram relações diplomáticas com Cuba, mas mantém uma base naval americana na Baía de Guantánamo.**

**Em 1962 os EUA implantou um bloqueio econômico a Cuba e expulsaram o país da OEA.**

**Em 1972 Cuba grande aliada da URSS ingressou no COMECON com grandes privilégios comerciais principalmente na importação de petróleo .**

O capitalismo, com o analisado por Marx, entra em crise e caminha para a barbárie caso não se confirme a revolução proletária, devido à concentração de capital e empobrecimento das massas, disto resultando no fenômeno da crise de superprodução capitalista, guerras por mercado e a barbárie, devido à propriedade privada dos meios de produção e os interesses contraditórios que decorre desta, entretendo os meios de produção. No chamado Socialismo em um só país de Stalin, imposto na Rússia após 1924 e que se tornou política Socialista a nível Internacional, a burocracia e a democracia formal apresenta-se como elemento de entrave dos meios de produção e como germe do retorno da propriedade privada dos meios de produção. A análise marxista deste fenômeno realizada por Trotski pode prever os destinos destes Estados operários degenerados. Ou a classe operária retomava o poder para as mãos dos Sovietes expulsando a burocracia do poder em uma Revolução política ou a política da burocracia e a democracia formar iria reconduzir a propriedade privada dos meios de produção em uma nova Revolução Social.

Como o operariado e o movimento Socialista Internacional foi incapaz de se organizar em Partido Mundial da Revolução Socialista e incapaz de interferir no sentido da revolução política, vimos o desmoronamento da União Soviética e dos Estados Operários (Alemanha, Polônia, China, Iugoslávia, Checoslováquia). Podemos dizer que Cuba ainda é um Estado operário degenerado, porém em um estágio adiantado de capitalização. Vejamos:

Em 15 de fevereiro de 1982 foi editado um Decreto Lei de n.º 50 em que introduzia as Associações econômicas entre as organizações Cubanas e estrangeiras.

**A economia cubana estava fortemente ligada a economia soviética pois a URSS tinha grandes importações na ilha de Fidel. Com a entrada de Mikail Gorbachev na URSS em 1985 e suas mudanças radicais na economia da URSS afetou diretamente as bases cubanas.**

**Em 1991 com o agravamento da crise do petróleo e a política de segregação econômica potencializada pelos EUA criar novas normas.**

Já em 05 de setembro de 1995 foi promulgada a Lei N.º 77— Lei do investimento estrangeiro. Esta Lei aprimorou e ampliou o Decreto n.º 50 e deu todas as garantias e condições para o Investimento do capital estrangeiro e do capital nacional em formação de companhias mistas ou totalmente privadas em Cuba. A alegação é a de que o isolamento da Revolução e a hegemonia do capital imperialista, bem com a globalização, levou-os à tal necessidade. **Em 1996 a derrubada de aviões civis norte americano por migs cubanos tem a ofensiva dos Eua que criam a lei Helms Burton que proíbe os países e empresas capitalista e investirem em Cuba.**

Nada de novo e estranho. Trata-se do acerto da análise marxista— Ou o Proletariado expulsaria a burocracia retomando o poder dos Sovietes e a política Internacional do Proletariado ou a propriedade privada teria seu retorno.

O grande desafio do Proletariado Revolucionário em defesa do Estado Operário e da Revolução Socialista Mundial é a construção do Partido Mundial da Revolução proletária. Partido Programa.

Diante da traição política de vastos setores que inclusive se reivindicam do trotskismo, diante da derrubada do muro de Berlim e dos Estados Operários degenerados, da política agressiva da burguesia mundial e da

Social Democracia como instrumentos de confusão ideológica com as campanhas da vitalidade do capitalismo e da falência do comunismo etc. Diante do papel nefasto que representa o Castrismo, o Lulismo, Chavismo para a sustentação da política do imperialismo, da destruição das Organizações independentes e de ampliar a confusão política na juventude, nos movimentos e na vanguarda de que um outro mundo é possível nos marcos do capitalismo. Do papel nefasto que representa o Fórum Social Mundial como bem fundamenta a FTI-CI. Esta colocado para as Organizações que se agrupam no Comitê de Discussão Internacional em prol de uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e das Organizações Revolucionárias Internacionalistas a proteção de um organismo Internacional de discussão política programática e de ações comuns praticas na luta de classe internacional com intercâmbio das políticas que estão sendo aplicadas em cada país, armando e potenciando a discussão da intervenção política e a própria discussão programática. Da luta por homogeneizar um grupo em prol da construção do Partido Mundial da Revolução proletária IV Internacional com direito de Tendência e Fração, que defenda as bases programáticas conquistadas no processo histórico ou seja: O Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels, os 4 primeiros Congressos da III Internacional Comunista, o Programa de Transição e as teses da Revolução Permanente.

**d) A posição dos marxistas revolucionários frente às burguesias nacionais nos países semicoloniais ou coloniais, sobre a base da experiência do último período de Iraque, Palestina e Venezuela.**

**e) A obrigação para os revolucionários, em toda a situação pré-revolucionária ou revolucionária de colocar como eixo de seu combate e do programa a luta para por em pé o embrião do Partido Mundial da Revolução Proletária, as seções nacionais deste como parte e entrelaçados na luta Internacionalista pela sua construção, o resgate programático baseado no materialismo histórico e dialético, espelhando na realidade mundial no seu conjunto e nas particularidades nacionais, luta Internacionalista contra o capital e sua barbárie, luta incansável contra os traidores e aos revisionistas do marxismo forjando os quadros militantes, o Partido Mundial da Revolução Proletária, o Programa, a penetração no seio das massas, com a tomada das Organizações Operárias e Populares, expulsando as burocracias dos Sindicatos, dando um salto de qualidade na Organização Independente do Proletário a nível Mundial com sovietes e o armamento das massas, abrindo assim o caminho para insurreição e a tomada do poder.**

## **f)O papel ideológico do *Fórum Social Mundial***

Criado e idealizado pelo Comitê de entidades brasileiras, tendo sua primeira versão de Fórum Social Mundial nos dias de 25 a 30 de janeiro de 2001. Adotou uma Carta de Princípios APROVADA EM SÃO PAULO, EM 9 DE ABRIL DE 2001, PELAS ENTIDADES QUE CONSTITUÍRAM O COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DO FORUM SOCIAL MUNDIAL, APROVADA COM MODIFICAÇÕES PELO CONSELHO INTERNACIONAL DO FORUM SOCIAL MUNDIAL NO DIA 10 de JUNHO de 2001.

### **Carta de Princípios do Fórum Social Mundial**

O Comitê de entidades brasileiras que idealizou e organizou o primeiro Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de Janeiro de 2001, considera necessário e legítimo, após avaliar os resultados desse Fórum e as expectativas que criou, estabelecer uma Carta de Princípios que oriente a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por tod@s que queiram participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial, consolidam as decisões que presidiram a realização do Fórum de Porto Alegre e asseguraram seu êxito, e ampliam seu alcance, definindo orientações que decorrem da lógica dessas decisões.

1. O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.
2. O Fórum Social Mundial de Porto Alegre foi um evento localizado no tempo e no espaço. A partir de agora, na certeza proclamada em Porto Alegre de que "um outro mundo é possível", ele se torna um processo permanente de busca e construção de alternativas, que não se reduz aos eventos em que se apóie.
3. O Fórum Social Mundial é um processo de caráter mundial. Todos os encontros que se realizem como parte desse processo têm dimensão internacional.
4. As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de tod@s @s cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.
5. O Fórum Social Mundial reúne e articula somente entidades e movimentos da sociedade civil de todos os países do mundo, mas não pretende ser uma instância representativa da sociedade civil mundial.
6. Os encontros do Fórum Social Mundial não têm caráter deliberativo enquanto Fórum Social Mundial. Ninguém estará, portanto autorizado a exprimir, em nome do Fórum, em qualquer de suas edições, posições que pretenderiam ser de tod@s @s seus/suas participantes. @s participantes não devem ser chamad@s a tomar decisões, por voto ou aclamação, enquanto conjunto de participantes do Fórum, sobre declarações ou propostas de ação que @s engajem a tod@s ou à sua maioria e que se proponham a ser tomadas de posição do Fórum enquanto Fórum. Ele não se constitui portanto em instancia de poder, a ser disputado pelos

participantes de seus encontros, nem pretende se constituir em única alternativa de articulação e ação das entidades e movimentos que dele participem.

7. Deve ser, no entanto, assegurada, a entidades ou conjuntos de entidades que participem dos encontros do Fórum, a liberdade de deliberar, durante os mesmos, sobre declarações e ações que decidam desenvolver, isoladamente ou de forma articulada com outros participantes. O Fórum Social Mundial se compromete a difundir amplamente essas decisões, pelos meios ao seu alcance, sem direcionamentos, hierarquizações, censuras e restrições, mas como deliberações das entidades ou conjuntos de entidades que as tenham assumido.
8. O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.
9. O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades físicas, desde que respeitem esta Carta de Princípios. Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta.
10. O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista

da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro.

11. O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de idéias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países.
12. O Fórum Social Mundial, como espaço de troca de experiências, estimula o conhecimento e o reconhecimento mútuo das entidades e movimentos que dele participam, valorizando seu intercâmbio, especialmente o que a sociedade está construindo para centrar a atividade econômica e a ação política no atendimento das necessidades do ser humano e no respeito à natureza, no presente e para as futuras gerações.
13. O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades.
14. O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de



cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.

APROVADA E ADOTADA EM SÃO PAULO, EM 9 DE ABRIL DE 2001, PELAS ENTIDADES QUE CONSTITUEM O COMITÊ DE ORGANIZAÇÃO DO FORUM SOCIAL MUNDIAL, APROVADA COM MODIFICAÇÕES PELO CONSELHO INTERNACIONAL DO FORUM SOCIAL MUNDIAL NO DIA 10 de JUNHO de 2001.

***O POM, por deliberação do seu VII Congresso, por Resolução do Comitê de Enlace em um primeiro esforço, coloca uma contraposição de idéias ao nefasto ideário anti-Marxista que corresponde o Fórum Social Mundial.***

Analisando a carta de princípios aprovada em 09 de abril de 2001:

No item 1 e 2 a carta diz que: - *Opõem ao neoliberalismo e ao domínio pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a terra e "um outro mundo é possível".*

Opor ao neoliberalismo e ao domínio do capital e por qualquer forma de imperialismo e a defesa de uma sociedade planetária orientada por uma relação fecunda, por um outro mundo é como uma crença e própria da mitologia com a diferença de que na mitologia clássica podemos dizer reservava alguma relação com a realidade vivida, mesmo que no seu imaginário, já as formulações do Fórum fazem parte mesmo de uma ideologia estranha aos interesses proletários (pequena burguesa) e visa o ópio da juventude e dos lutadores engajados nos Movimentos Sociais tão somente, visto que: Fica somente no campo da "oposição" mental ao neoliberalismo e ao domínio do capital, sendo que a materialidade desta oposição resume em síntese na defesa do próprio capital.

No ponto 4, temos: - *As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos e instituições internacionais a serviço de seus interesses, com a cumplicidade de governos nacionais. Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de todas as cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.*

Contrapor a globalização comandada pelas grandes corporações multinacionais e pelos governos a serviço destas com a tal da globalização solidária "respeitando os direitos humanos universais", justiça social e a soberania dos povos como sendo uma nova etapa da história do mundo é assim como no ponto 1 e 2 a negação da própria história universal e a negação cabal da própria ciência e a razão que provem desta, pois, a base material da sociedade, o capital (meios de produção privados) determinam as formas de organização e as superestruturas da sociedade. Negar isto é negar os pressupostos científicos e passar para o lado da pura crença espiritual.

O ponto 6 diz que o Fórum Social Mundial não tem caráter deliberativo. De fato, o papel que ocupa o Fórum Social Mundial é muito mais que uma simples deliberação, visto que, cumpre o papel de adocicar, desvirtuar, negar as idéias científicas, Marxistas

e contrapô-las ao gosto do próprio Imperialismo e assim do grande capital como sendo, um poderoso esteio da superestrutura do regime capitalista em sua agonia e barbárie.

Vejamos o ponto 8 - O Fórum Social Mundial é um espaço plural e diversificado, não confessional, não governamental e não partidário, que articula de forma descentralizada, em rede, entidades e movimentos engajados em ações concretas, do nível local ao internacional, pela construção de um outro mundo.

“Viva o grande capital e seus agentes que habilmente conseguem reunir, organizar e influenciar diretamente e ideologicamente as organizações da juventude e dos oprimidos, convertendo-as em ONGs do capital e a serviço da adequação do estado capitalista a sua barbárie!”

Vejamos o ponto 9, 10, 11, 13 e 14 - 9. O Fórum Social Mundial será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que dele decidam participar, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturas, gerações e capacidades físicas, desde que respeitem esta Carta de Princípios. *Não deverão participar do Fórum representações partidárias nem organizações militares. Poderão ser convidados a participar, em caráter pessoal, governantes e parlamentares que assumam os compromissos desta Carta;* 10. O Fórum Social Mundial se opõe a toda visão totalitária e reducionista da economia, do desenvolvimento e da história e ao uso da violência como meio de controle social pelo Estado. *Propugna pelo respeito aos Direitos Humanos, pela prática de uma democracia verdadeira, participativa, por relações igualitárias, solidárias e pacíficas entre pessoas, etnias, gêneros e povos, condenando todas as formas de dominação assim como a sujeição de um ser humano pelo outro;* 11- O Fórum Social Mundial, como espaço de debates, é um movimento de idéias que estimula a reflexão, e a disseminação transparente dos resultados dessa reflexão, sobre os mecanismos e instrumentos da dominação do capital, sobre os meios e ações de resistência e superação dessa dominação, sobre as alternativas propostas para resolver os problemas de exclusão e desigualdade social que o processo de globalização capitalista, com suas dimensões racistas, sexistas e destruidoras do meio ambiente está criando, internacionalmente e no interior dos países; 13 - O Fórum Social Mundial, como espaço de articulação, procura fortalecer e criar novas articulações nacionais e internacionais entre entidades e movimentos da sociedade, que aumentem, tanto na esfera da vida pública como da vida privada, a capacidade de resistência social não violenta ao processo de desumanização que o mundo está vivendo e à violência usada pelo Estado, e reforcem as iniciativas humanizadoras em curso pela ação desses movimentos e entidades. 14. *-O Fórum Social Mundial é um processo que estimula as entidades e movimentos que dele participam a situar suas ações, do nível local ao nacional e buscando uma participação ativa nas instâncias internacionais, como questões de cidadania planetária, introduzindo na agenda global as práticas transformadoras que estejam experimentando na construção de um mundo novo solidário.*

O Fórum Social é um espaço plural aberto às entidades e movimentos, bem como à diversidade de gênero, etnias, culturais, gerações e capacidades físicas, desde que respeite a carta de princípio (programa). Não podem participar representação partidária ou militar, mais poderão ser convidados a participar os quadros dos partidos (desde que, na forma da representação pessoal) os governantes e parlamentares.

Cinco são os conceitos burgueses defendidos nestes pontos programáticos (partidário) da carta de princípio.

Um é o das personalidades (indivíduos a cima do coletivo) defender o programa do partido (idéias da classe dominante a cima dos partidos e das classes sociais) sem defender a forma de partido, como se fosse uma Internacional amarela do grande capital.

O segundo é o da igualdade de direitos entre os diferentes. Não pela relação destes com os meios de produção e suas propriedades, mas sim pelos aspectos sociais, culturais, de raça, gênero e etc.

Um terceiro aspecto defendido diz respeito ao combate a violência como método e a defesa programática da burguesia do método pacífico para se chegar em “um outro mundo é possível”, a violência como parteira de todo processo histórico é só para os livros de discussão científica.

Já o quarto aspecto é a contraposição da Ditadura do capital pela ditadura do capital, ou seja: a contraposição da democracia pela democracia participativa.

O quinto conceito desenvolvido se entrelaça com o quarto. Com a democracia participativa, a “transparência” escondida, envolver os oprimidos, entrelaça-los aos Estado capitalista decadente, trocar os Direitos Históricos por uma ampla, amplíssima solidariedade, de amor e muito amor, de forma que possamos sobreviver com as sobras e as migalhas das mesas fartas da burguesia e no reparte destas migalhas entre os oprimidos, minimizando assim e convivendo com a barbárie capitalista, ou seja, ampliando o Estado opressor (perda do caráter de Estado do bem estar social) para amplia-lo entre os oprimidos como Estado pré-fascista, da solidariedade e benevolência, do atraso e apoliticismo, contrapondo a fome aos lutadores, ou seja, contrapondo os famintos com o benefício da solidariedade das migalhas contra os lutadores e defensores dos Direitos Históricos. Viva realmente “um outro mundo realmente é possível” após a morte e se houver outra possibilidade de vida como recompensa aos sofrimentos e privações dos oprimidos.

Chamamos os oprimidos e lutadores em geral a se contraporem a este conjunto de idéias burguesas e imperialistas que compõem a Carta de princípio do Fórum Social Mundial, contrapondo e denunciando este organismo como sendo um semeador das idéias burguesas no seio dos Movimentos e Organizações dos oprimidos, bem como, o desenvolvimento de aparatos de contenção ideológica com os fins da contenção das lutas dos oprimidos ao nível Internacional.

Conclamamos a todos os oprimidos e as Organizações Operárias e Popular a se contraporem e a denunciar as correntes e partidos que compõem o Fórum Social Mundial, como o PT, o PCB, CUT, Igrejas, o Castrismo, e todas as Organizações Nacionais e Internacionais que engrossam e sustentam esta Organização que se assemelha a uma Internacional Amarela, contra-revolucionária de disseminação das idéias burguesas e imperialistas no seio da juventude e oprimidos e de contenção da luta Internacianalista do proletariado mundial.

Por fim conclamar às Organizações Proletárias Internacionalistas, os lutadores do Movimento Operário, Estudantil e Popular a cerrarem fileiras na convocação de uma

Conferência Internacionalista dos Trotskistas principistas e as Organizações Operárias Internacionalistas.

### **g) Sobre a concepção de Partido e de Centralismo Democrático leninista segundo o legado do materialismo histórico e dialético.**

#### **Centralismo Democrático**

O Partido Revolucionário Internacional dos Operários é a condição primeira (fundamental) para a conquista da Revolução Proletária. Para dirigir e elevar as massas proletárias ao seu papel preponderante na sociedade e ao socialismo como o regime que deve imperar sobre esta. O Partido consiste na superestrutura que propicia o verdadeiro combate ideológico e prático ao capitalismo em todos seus domínios. O instrumento capaz de gerir a Ditadura do Proletariado e que passa a compreender o coração do processo revolucionário.

Portanto, a ausência ou mesmo a degeneração deste condiciona a sorte do proletariado mundial. O Partido deve exprimir e lograr os interesses da maioria explorada quando em sua consciência de classe e a sua independência política da burguesia.

Logo, a democracia operária deve imperar impreterivelmente em todas as relações sociais e, principalmente, no âmago do Partido Revolucionário. A vigência da democracia operária no seio da Ditadura do Proletariado, no partido dirigente das massas, pela defesa deste organismo e dos interesses históricos do proletariado, o socialismo, impõe a necessidade do centralismo democrático.

Pois que empreende a defesa incondicional do programa revolucionário e é a expressão da democracia operária. Imuniza o Partido Revolucionário da influência e ataques políticos ideológicos da burguesia. No centralismo democrático prepondera a deliberação coletiva da política e do método para a conquista do Socialismo. Impõe a mais ampla discussão interna e a unidade na atividade exterior.

Para maioria do proletariado consciente e as massas oprimidas em geral só é possível a expressão de seus interesses históricos nas deliberações do Partido sob a égide do centralismo democrático. Tendo como a sua instância máxima os seus congressos.

Não é surpresa, portanto, que os partidos burgueses ou pseudo-revolucionários temam mais do que tudo esta fusão e onipotência das massas conscientes em seus debates internos. Que não possuam transparência, apóiem-se sobre a democracia representativa e conduzam todas as manifestações e reivindicações da massa, através de um universo corrupto e burocrático, aos palanques da democracia formal.

A disciplina imprescindível ao supremo organismo da classe, para coordenar os sovietes, sindicatos e todos os movimentos em luta contra o capital, não pode ser adquirida de forma autoritária senão do reconhecimento pelos operários de sua verdadeira vanguarda revolucionária (implicando assim a incorporação desta em todas as atividades e tarefas que são deliberadas pelo Congresso) e da verdadeira política revolucionária (que só pode ser elaborada coletivamente).

O centralismo democrático não se expressa de uma maneira abstrata, tal como alguns burocratas e intelectuais o possam descrever. Tampouco é uma fórmula constante e lapidada como o possam aplicar as diretorias autoritárias e ultimatistas. Não é senão a forma e modo que impera a democracia operária entre os revolucionários. A responsabilidade, a moral, o respeito e a revolta da vanguarda operária assimilada, compreendida, elaborada e reconhecida por todos os operários em luta.

A forma do Centralismo Democrático foi introduzida na Organização Partidária por Lênin nas concepções do partido que se denominou Leninista ou Bolchevique, com vista no materialismo histórico e dialético e principalmente na forma científica de contraposição à centralização burguesa e sua ditadura de classe.

Trata-se de dotar a organização partidária do proletariado revolucionário do ponto de vista da necessidade histórica da expropriação da burguesia e a instalação da Ditadura do Proletariado.

Centralismo, democracia operária e a disciplina férrea estão intimamente ligadas entre si, vejamos:

Por Centralismo Democrático pode-se sintetizar na mais ampla e democrática discussão interna dos membros do partido e uma só e granítica linha no exterior. Respeitando os organismos correspondentes, o Bolchevismo introduziu a Organização Celular. A idéia é de um corpo formado por milhares de células dirigidas, controladas e centralizado por um cérebro (corpo humano).

Na Democracia formal regida no sistema capitalista se exercita de forma da ditadura do capital, sob o principio do individualismo e no principio da exploração de uma classe sobre outra e de um ser sobre o outro, em outras palavras, vale tudo nesta luta, se para acumular capital tenho que matar, a minha luta individual ou como classe dominante estará restrita às conveniências da conjuntura do entorno ou da situação política do momento.

A melhor das maneiras de compreender a Democracia burguesa é a fórmula aplicada no Parlamento Burguês. Tudo é democrático, tudo é discutido, mesmo que nos corredores sem dar o direito a defesa dos acusados ou das teses contrárias. Na Democracia os negócios financeiros e políticos falam mais alto, enfim a encenação da votação das "autoridades".

Uma outra falácia da Democracia burguesa é a dos direitos iguais para todos, quando quem tem capital tem direitos de ter moradia, comer bem, viajar, criar os filhos do bom e do melhor, ter carros, casas de temporadas etc. etc. Quem tem capital tem o direito de usar os meios de comunicação para explicar suas idéias, ou melhor seus interesses e os oprimidos e assalariados o direito de desligar os aparelhos de comunicação para não ouvir tantas besteiras a serviço do capital.

Na representação burguesa da Democracia Formal se elege este ou aquele candidato pela campanha milionária que fez nos meios de comunicações e nas compras e promessas efetuadas aos eleitores. Após eleito temos que aturá-los por 4 anos fazendo e desfazendo em prol da burguesia em nosso nome.

A norma do Centralismo Democrático foi instituída no Partido Revolucionário como síntese da Democracia Operária, como um método de aplicação desta. Nos Sindicatos a centralização das decisões se dão por decisões e as aprovações das Assembléias regularmente convocadas, todas as correntes na democracia operária tem o direito da palavra e da defesa de suas teses e após esclarecidas as diferenças de uma para outra proposta se vota e se trabalha unitariamente. No Partido com o Centralismo Democrático, as discussões se dão nas células e a Direção cabe o papel de melhor propiciar e encaminhar esta discussão, com a garantia de que todos os militantes terão por escrito as posições de cada corrente de pensamento em discussão. A Centralização no Partido Revolucionário, o topo, se dá nos Congressos Partidários. Este deve ser precedido de uma preparação e discussão de todo o temário, de forma que caberá ao Congresso o aprofundamento da discussão coletiva e as votações dos temas divergentes. As minorias, poderão e deverão continuar a defender suas idéias, conformar Tendências ou Frações, mas internamente, no exterior será levado uma só linha, a da maioria, esta tese sintetiza o Centralismo Democrático.

O Centralismo Democrático – pode-se dizer – é a defesa e a proteção das discussões coletivas, do programa, romper este significa o rompimento programático.

Outro aspecto do Centralismo Democrático é o da disciplina férrea e da segurança tendo em vista o caráter conspiratório do partido. Na doutrina militar a centralização e a disciplina são dada pela ordem dos superiores, os soldados não tem o direito de pensar e de discordar, é como no adestramento de cães. No partido Revolucionário a disciplina é conseguida pela discussão, pela democracia operária e pelo centralismo democrático que regulamenta e dá o ordenamento partidário. Contrapor a burguesia altamente centralizada com suas instituições militares e de repressão em geral sem uma centralização e disciplina rígida é facilitar as coisas para estes.

### **COMITÊ NACIONAL DE LUTA DIRETA**

*É necessário antes de tudo fazermos uma breve e coerente avaliação do Comitê e neste sentido, achamos que apesar das diferenças políticas que temos conseguimos conviver com elas até hoje, é preciso fazer um pouco de reflexão no sentido da origem, da criação e do propósito do Comitê.*

*Fora as atividades de debate (importantes para a formação dos militantes), a mais concreta atividade realizada desde 2003 foi o primeiro de maio, sem esquecer evidentemente da elaboração e distribuição do boletim contra a reforma da previdência e a participação nos debates da Pré-Conferência Internacional.*

*Da forma como se encontra estruturado o Comitê, este não consegue desenvolver, coordenar nem por em prática aquilo que se discute e se propõe, as atividades a que veio. A coordenação deve atuar como se fosse a direção do Comitê, com responsabilidade, sendo respeitada, escolhida em plenária geral, de forma a encaminhar todas as atividades discutidas e aprovadas no Comitê, algo sério e capaz de dar um outro rumo, norte a tal organismo, não mais importante que os organismos de massas já conhecidos, mas importante o suficiente para sair dos marcos corporativistas e por sua necessidade em face da conjuntura.*

O Comitê deve ser estruturado de tal forma que sua organização possa prezar pela formação política da militância e simpatizantes, pela aglutinação de novos militantes, pela propaganda dos ideais da revolução proletária no seio da classe trabalhadora, no enfrentamento direto com o capital e seus detentores, na perspectiva de construirmos organismos superiores de massa e porque não atuarmos com todas as forças e perseverança no sentido de criarmos uma estrutura única e capaz de por abaixo o regime de exploração capitalista.

Achamos que devemos avançar nas discussões, nos debates, nas concretizações e implementações das nossas propostas mas sobretudo na construção de uma proposta de reestruturação e reorganização do Comitê, numa proposta de direção.

O VII Congresso do POM...

- Aprovou a realização de estudo do Trotskismo no Brasil de forma a realizarmos uma futura publicação;
- Também se delibera pelo estudo do Integralismo e fascismo no Brasil;
- Delibera-se a formação de uma escola de teatro e as sessões culturais permanentes, a participação nos movimentos das mulheres do ponto de vista do Marxismo;
- Delibera ainda a confecção do boletim informativo Proletário Fabril;
- O Congresso fez suas as deliberações da Marcha de um milhão de operários realizada nos EUA para a organização de lutas Internacionalistas contra a guerra

Imperialista, com manifestações unitárias em 19/03/2005 e manifestações Internacionalistas e anticapitalistas no primeiro de maio.

Abaixo publicamos:

- Declaração do Movimento de um milhão de operários, de 2 de dezembro de 2004 PARA FORJAR A CONTRA-OFFENSIVA: O MOVIMENTO DE MARCHA DE 1 MILHÃO DE OPERÁRIOS CHAMA À UNIDADE DA BASE NA LUTA PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES E O FIM DA GUERRA NO IRAQUE.

### **São Francisco, Califórnia, 20 de dezembro de 2004.**

O Movimento de Marcha de Um Milhão de Operários surgiu de uma convocação histórica dos trabalhadores por parte do Local 10 (Oakland) do ILWU (sindicato de Trabalhadores Portuários Internacionalistas) chamando a base do movimento operário, tanto organizado como não organizado, a mobilizarmos em nosso próprio nome e desafiar a passividade da direção da AFLCIO de cara à implacável guerra de classe descarregada pelos capitães do capital contra a massa de nosso povo.

Nós trabalhadores precisamos ter uma expressão política própria que seja uma alternativa ao setor corporativo dos EEUU, que está representado tanto pelos Democratas como pelos Republicanos. O momento eleito para a marcha sobre Washington era oportuno para preparar o começo de uma contra-ofensiva precisamente porque os dois partidos políticos, atuando ao unísono, estavam ajustando o discurso político à agenda das corporações: guerra permanente, destruição de todos os serviços sociais, e um incessante combate contra o próprio movimento sindical.

Estava claro para nós que a crise num movimento sindical cujos os números tinham retrocedido a menos de 12% da força de trabalho da EEUU, estava diretamente unido ao sindicalismo burguês que fez todo o possível para destruir o papel de direção de base. Refletindo nas negociações com a patronal onde a regra é lembrar a concessão e mais concessão, que produziram derrota e mais derrota e levado ao desmantelamento do movimento sindical. Os fundos de pensão estão postos para acima, os direitos dos trabalhadores estão corroídos e, enquanto tudo isso se desenvolve, aprofunda-se um partido cujo financiamento, quadros, recorde histórico e programa estão no mesmo centro do assalto sobre a nossa classe.

Por traz de uma fachada de dois partidos, os capitães da indústria dirigem a cena política, enquanto o movimento sindical foi delegado o papel de servir de cobertura aos ataques desfechados sobre os trabalhadores.

Temos ante nós um partido político e um candidato que apoiaram a guerra no Iraque e ao governo Republicano desde a direita, por vacilar em levar adiante um genocídio tipo Gernica sobre Faluja. Temos ante nós um partido cujos os dirigentes chamaram a aumentar o orçamento militar por cerca de 800 mil milhões de dólares, a agregar outros 40.000 soldados no Iraque, atacar o Irã em forma "preventiva", cortar os serviços sociais e reduzir os déficit federal cortando dois milhões de postos de trabalho no setor público.

Escrevendo no Wall Street journal, John Kerry declarou que seu governo não só protegeria ao setor dos negócios senão que frearia qualquer desafio ao seu domínio sobre a sociedade. Ele declarou que as eleições giravam em torno de uma "mudança de diretório", adicionando: "o dia das eleições será uma reunião dos acionistas da nação".

John Kerry e o Partido Democrata não tiveram nenhuma vergonha em fazer desfilar aos assessores políticos chave de Kerry ante Wall Street e os meios de comunicação do ambiente financeiro. Seu assessor em economia era Warren Buffett, o multimilionário

republicano da direita que cumpria a mesma função do governador da Califórnia Arnold Schwarzenegger. Sua equipe econômica incluía a Lee Iacocca famoso por timonear o salvataje da Chrysler quando esta pediu a quebra, David Bonderman do grupo Texas Pacific, que fundiu as linhas aéreas continental e American West, destruindo milhares de postos de trabalho sindicalizados e obtendo suculentos ganhos; o presidente do Bank of América, Charles Gifford; August A. Bush, presidente da companhia Anheuser-Bush e Peter Chernin, diretor administrativo da Corporação de Notícias Rupert Murdoch News, da ultra direita... todos eles, ademais, reconhecidos republicanos e financiadores chave da campanha presidencial de George W. Bush filho, e a William Perry do Grupo Carlyle – o conglomerado de armamentos que declara um capital de 14 mil milhões e que tem em seu diretório uma verdadeira lista dos que figuram na guia “de Quem é Quem” entre a nata republicana.

Ao apresentar-lhes mais de 100 milhões de dólares de fundos sindicais ao Partido Democrata, o movimento operário organizado foi colocado na posição de financistas de uma campanha em benefício do capital corporativo.

Quem ia falar a favor dos trabalhadores? A Marcha de Um Milhão de Trabalhadores tomou sobre si a tarefa de colocar em primeiro plano a crise que enfrentam os trabalhadores e a negativa dos partidos políticos a fazer-se cargo dela. Propusemos uma agenda operária e nos dirigimos à base do movimento para que se mobilize por sua conta. A oportunidade do momento eleito para a Marcha se relacionou com uma possibilidade de eleger nas eleições. Dissemos que a decisão das secções locais dos sindicatos através de todo o país de avançar nossas necessidades e de chamar à ação ao redor da luta pelo serviço médico universal, moradia ao alcance de todos, o fim do lucro e da hegemonia dos mercadores da morte com seu programa de guerra perpétua.

John Sweeney e a direção da AFL-CIO trataram de desalentar as adesões de sindicais à Marcha. Chamaram os sindicatos e aos conselhos sindicais a cortar-lhe os fundos. Afirmaram que a tarefa de derrotar a George W. Bush era o mais importante e do que isso fazia passar a um segundo plano a qualquer mobilização nacional de trabalhadores que tentasse enfrentar a crise pela que atravessa o movimento operário.

A medida que se iam somando as adesões de sindicatos importantes e o movimento por uma Marcha de Um Milhão de operários construía comitês regionais através do país, a direção da AFL-CIO ia emitindo declarações nas quais asseguravam que apoiavam os objetivos da marcha, só que não lhe parecia correto a data para qual estava chamada.

Lamentavelmente essas declarações públicas foram acompanhadas por esforços cada vez maiores por baixo do pano para impedir que as secções locais se organizassem enviando ônibus com filiados à outros locais, para convencer e organizar para a marcha.

O um por cento da população que agora possui mais da riqueza combinada de 95% da população está obrigado agora a intensificar drasticamente a exploração do nosso trabalho para sustentar o que se mostra cada dia mais como um domínio precário. Andrew Stern e a direção da SEIU chamaram as mudanças organizativas na estrutura da AFL-CIO para enfrentar a doença que aflige o movimento operário dos EEUU. Claramente, o movimento operário está precisando de uma nova estratégia e uma visão que possa galvanizar os trabalhadores.

O Movimento pela Marcha de Um Milhão de Operários propõe a necessidade de que o movimento operário responda à crise que enfrentam os trabalhadores dos EEUU através de uma declaração de independência política. Se os trabalhadores vão enfrentar-se com um sistema em decadência terminal e a substituí-lo, precisaremos construir um veículo político um partido que lute por nosso programa e que preste constas a todos os níveis da base, cuja expressão de vê ser.

Nunca teve um momento mais oportuno para os trabalhadores da base para forjar um movimento de massas para a mudança desde os alicerces. Muito poucas vezes foi



tão apremiante a importância da unidade na luta ao longo de um eixo de independência de classe.

Precisamos da unidade na ação baseada na mobilização das bases. Temos a possibilidade de empreender esta luta não só nos EEUU senão em conjunção com as atuais lutas de contragolpe operário em muitos países.

Chegou a hora para o Movimento de Milhão de Operários, de USLAW, do Labor Party (Partido Operário) e de todas as organizações dedicadas à luta dos operários contra os ataques do capital, de atuar uníssono.

Chamamos a organizar um debate para preparar a ação unificada contra a guerra no Iraque e a política de guerra permanente.

Impulsionamos a abertura de discussões com ANSWER, com o Internacional Actino Center, com Veterans for Peace (Um de Veteranos da Guerra de La Paz), Iraque Veteranos da Guerra do Golfo) para chegar a uma ação unificada em 19 de março em Nova York ao redor de uma convocação unificada pelo imediato fim da guerra no Iraque e o retiro de todas as forças de ocupação. Chamamos a USLAW, ao Partido Operário, à Black Workers for Justice (Um de Trabalhadores Negros em procura de Justiça) a unir-se ao Movimento da Marcha de um Milhão de Operários no reclamo de colocar ao primeiro 1º de maio como o dia internacional do movimento operário e chamar a uma ação conjunta internacional ao redor do caderno de reclamos levantado pela Marcha de Um milhão de Operários.

Ao forjar um movimento dos operários de base para resistir às guerras de submissão dos que dirigem os EEUU, defendemos a classe operária tanto em casa com o fora. Ao atuar em conjunto por uma ação política independente, podemos emancipar os trabalhadores do abraço fatal de uma direção que abandonou a luta, e forjar assim uma expressão política própria de classe.

Ao identificar a natureza de classe da opressão que nos aflige, podemos preparar o caminho para uma agenda operária para a transformação de nossa sociedade pelo controle democrático da classe trabalhadora sobre as alavancas do governo em todas as sociedades.

Perguntamos o mesmo nesse momento que comprovamos agora: Quem falou a favor das necessidades dos trabalhadores dos EEUU no momento destas eleições? O Partido Democrata com sua agenda corporativa ou o movimento dessa Marcha com nossa demanda de serviço universal de saúde, eliminando o orçamento militar, moradias acessíveis para todos, um programa de emergência para salvar nossas escolas públicas, a reconstrução de nossas cidades decrépitas e pôr fim a insana carreira para o abismo dos trabalhos escravos por salários de miséria que arrojam aos operários uns contra os outros através de todo o planeta?

O movimento de Um Milhão de Operários compreendia as pressões exercidas sobre a gente do movimento pela justiça social e por atirar “a Bush ao Lixo” e também os chamamos a todos eles, apesar das expectativas que eles colocavam nas eleições e os chamávamos a levantar-se por nossas necessidades, a gritar a viva voz nossas demandas e a preparar o terreno dentro das filas da base dos sindicatos e da comunidade para formar um movimento por uma mudança fundamental nos EEUU.

Sabemos que muitos em USLAW apoiavam a marcha e nos sentimos combatentes de que Gene Bruskin (um dos principais dirigentes da USLAW, NT) falasse no Lincoln Memorial, ainda que não se produzisse uma adesão formal de USLAW pese a que apoiava. Dissemos em seu momento que o lamentávamos, mas hoje, enquanto Faluja está sendo devastada e se descarrega uma incessante guerra de submetimento no Iraque, o aplauso da direção do Partido Democrata, a mesma e o ensurdecido silêncio da direção da AFL-CIO nos falam com uma urgência não menos acuciante.

Uma conquista do movimento pelo um milhão de Operários foi o nítido surgimento de uma direção classista do movimento operário negro através do local 10 da ILWU, do Caucus Nacional Negro dos Caminhoneiros, o conselho de distrito 1707 da AFSCME (Federação Norte-americana de empregados estaduais, dos condados e municipais), os sindicatos de trabalhadores do transporte de Nova York (inclui aos trabalhadores de subterrâneos, NT) –conjuntamente com ativistas sindicais de todos os setores do movimento operário, do movimento pelo direito dos imigrantes e amplos setores do movimento contra a guerra, notavelmente no Internacional Action Center (Centro de Ação Internacional) e ANSWER (a maior e antiga coligação de movimentos contra a guerra, NT).

Ainda que a Marcha do Milhão de Trabalhadores em 17 de outubro foi um reflexo da real composição da base do movimento operário EEUU – tanto em termos de ativismo de base como na participação dos setores mais explorados da força de trabalho – a marcha foi chamada para dotar de um veículo de mudança real e para terminar com nossa dependência política de nossos próprios exploradores.

Hoje os trabalhadores enfrentam ataques ainda maior. Todos os indicadores da economia norte-americana revelam a crise na qual se encontra o sistema de propriedade privada dos meios de produção. O financiamento do déficit, requerido para manter o poder do imperialismo, e atingido mediante a instabilidade do dólar na medida em que o capital corporativo e bancário chupam bilhões de dólares de benefícios. A natureza internacional do domínio dos monopólios e a exploração que os mesmos impõem sobre os trabalhadores se manifesta mais claramente mediante a terceirização dos postos de trabalho que vão parar aos ateliês de escravos de todo o mundo. Para arrojar aos trabalhadores uns contra os outros neste caminho.

Este é o significado da presença no Lincoln Memorial de representantes e mensagens de apoio enviado pelas federações sindicais internacionais que representam a 47,7 milhões de trabalhadores organizados.

O movimento pela Marcha não se centra somente nos EEUU. Pode encontrar-se nos trabalhadores ferroviários japoneses que lutam contra a privatização. Está presente à Confederação coreana de sindicatos enquanto prepara sua greve geral contra a tentativa dos monopólios de terminar com o emprego de tempo completo. Manifesta-se no apoio das federações sindicais da Índia, Bangladeh, Venezuela, Brasil, Filipinas e Espanha.

Quando o Doura Chaiba, o Sindicato de Trabalhadores Ferroviários do Japão, organizou manifestações contra essa privatização e a proibição de sindicalização em Tóquio , a Marcha estava ali. Unimos a nossa delegação à dos que viajaram a manifestar-se frente aos escritórios em Tóquio da companhia dona dos hotéis que está fazendo lock-out aos trabalhadores hoteleiros dos EEUU.

A Marcha segue ativa em São Francisco. Junto com o conselho Operário de São Francisco e ao local 2 do Sindicato de Trabalhadores Hoteleiros, fomos os promotores de uma marcha e ato de unidade em 20 de novembro e levamos à base de vários sindicatos através da área da Baía (de São Francisco) para reforçar os piquetes de greve em cinco hotéis importantes.

O lock-out terminou esse mesmo dia – uma forte indicação de que uma luta unida dos trabalhadores, tanto nacional com o internacionalmente – é o caminho para ganhar greves, arrebentar aos carneiros e para que os operários retomem a ofensiva. A luta internacional de resposta aos ataques contra a classe iniciada pela Marcha tomada nota num momento da debilidade do dólar norte-americano que ocorre num momento no qual o escritório de Contadoria do governo federal dos EEUU calculou um “brecha fiscal” – o momento necessário para pagar a dívida dos WWUU – em 72 bilhões de dólares. Grande parte dos bônus da dívida está em mãos dos investidores estrangeiros cujo valor em dólar diminui dia a dia.

#### Nota do texto:

- Nos EEUU as aposentadorias vão a um fundo controlado pelo estado, mas o destino dos aportes e os mortos que contribui cada parte são negociados nos convênios coletivos; ultimamente as empresas costumam colocar os aportes em ações da própria companhia, o que levou a que muitos fundos de pensão se esvaziaram quando as empresas quebraram ou realizaram fraudes como Eron e World Com. (NT)
- Agência Federal de manejo de emergências o escritório do governo que se encarregou de negociações secretas de triangulação de armas, troca de reféns, etc. (NT)
- USLAW ou “Trabalhadores Norte-americanos contra a Guerra”, um movimento no seio dos sindicatos a favor de realizar marchas contra a guerra em forma independente ou participar dentro de marchas poli - classistas com bandeiras próprias da classe. É semi-pacifista, entre os seus dirigentes figuram membros do PC e de outros partidos de esquerda reformista e tem uma relação fraternal com as organizações impulsionadas pelo WCPÌ (Partido comunista Operário do Iraque), tais como a federação de conselhos operários e sindicatos do Iraque (uma das três centrais sindicais do Iraque, minoritária), a união de desempregados do Iraque e a União de mulheres pelos direitos femininos, pela liberdade e contra a ocupação estrangeira. (NT)
- Mausoléu dedicado a Abraham Lincoln em Washington, monumento contra a escravatura que congregou sempre as grandes marchas pelos direitos humanos, pelos direitos civis dos negros, contra a guerra do Vietnã, etc., e frente ao qual estava citado o ato central da marcha para o 17 de outubro de 2004.
- Ainda que num primeiro momento USLAW aderiu numa assembleia de delegados de organizações de base aderidas, seu Comitê Executivo não formalizou a adesão e manifestou que a entidade não participava oficialmente da marcha, com o argumento similar ao da AFL-CIO de que o objetivo era justo mas não assim o momento eleito. No entanto, para evitar uma cisão, o Comitê Executivo de USLAW deixou em liberdade a seus membros que aderissem a marcha em forma individual.
- Em ocasião do ato que finalizou a marcha, leram-se adesões a marcha de vários sindicatos importantes de todos os continentes, incluindo a CUT do Brasil, a UNT da Venezuela, A Central dos Trabalhadores Haitianos, a Federação Sindical Operária do Paquistão, o Sindicato de Trabalhadores Ferroviários do Japão, entre outros. Também teve uma adesão dos Zengakuren do Japão, da União de Mulheres pelos direitos Femininos e contra a ocupação do Iraque, etc.
- Ver nota de Socialist Actino sobre as propostas burocratas de reformas à AFL-CIO, traduzida recentemente por mim (NT). Os SEIU é o sindicato de empregados de serviços, um dos maiores e poderosos da AFL-CIO. Nos EEUU, desde a segunda Guerra Mundial o 1º de maio perdeu vigência como dia dos trabalhadores, e foi substituído pelo 14 de setembro, que é feriado e que se dedica a desfiles festivos e passeio de confraternização, mas que raramente é um dia de luta. A idéia de um dia internacional dos trabalhadores, e a reivindicação do histórico 1º de maio (data recordatória dos mártires de Chicago e das duras batalhas do começo do movimento operário norte-americano e mundial) é um poderoso sintoma dos novos ventos que percorrem a classe operária norte-americana, ainda que só seja por agora evidente em setores de uma vanguarda bastante ampla.

**Tomamos a liberdade de publicar a artigo abaixo esclarecendo que não recorremos à autorização do autor mas, por ser um artigo histórico, o publicamos.**

## **70 anos da Batalha antifascista da Praça da Sé**

***Há 70 anos, dia 7 de outubro de 1934, ocorria em São Paulo o episódio conhecido como Batalha da Praça da Sé, quando o povo pôs os fascistas para correr\****

Por Augusto C. Buonicore\*\*

### **O Integralismo: o ovo da serpente no Brasil**

Na cabeça dos militantes antifascistas brasileiros ainda estavam vivas as lembranças de dois sombrios acontecimentos ocorridos na Europa alguns anos antes. O primeiro foi a grande marcha que os fascistas italianos realizaram sobre Roma em outubro de 1922, depois da qual Benito Mussolini foi chamado pelo rei Victor Emmanuel III para formar o novo gabinete italiano. Emergia assim o primeiro governo tipicamente fascista da Europa Ocidental. Aquela marcha havia sido precedida por inúmeros atentados contra organizações operárias e populares. Em muitas regiões estas já haviam sido destroçadas pelos temidos “camisas negras”. Alguns anos depois, em janeiro de 1933, Hitler foi chamado pelo presidente Hindenburg para formar o novo governo alemão. A vitória nazista foi precedida e sucedida por grandes marchas a luz de tochas.

Nos dois casos a ascensão do fascismo ao poder se deu através da conquista das ruas e da intimidação e destruição das organizações democráticas e socialistas. A ousadia fascista e as grandes manifestações encantaram a pequena-burguesia temerosa do possível avanço do comunismo. Os nazi-fascistas demonstraram, na prática, que podiam impor ordem à “anarquia operária”. A grande burguesia e os latifundiários também agradeceram os serviços (sujos) prestados por eles na Itália e na Alemanha. Outro fator que contribuiu para o rápido sucesso das forças reacionárias foi a profunda divisão existente entre as forças de esquerda, especialmente entre os comunistas e social-democratas.

Tudo isto veio à tona quando chegou a notícia de que os integralistas, uma versão tupiniquim dos nazi-fascistas italianos e alemães, pretendiam realizar uma grande demonstração no centro da cidade de São Paulo em sete de outubro de 1934. Diante da instabilidade política que vivia o país, ela não deixava de representar um perigo a frágil democracia. Muitos membros do governo Vargas, particularmente na cúpula das forças armadas, não escondiam suas simpatias pelo regime de Mussolini.

Portanto, era preciso impedir a marcha integralista. Os antifascistas sabiam que o próximo passo seria o ataque às sedes e militantes do movimento democrático e socialista, com apoio das forças de repressão do Estado. Isto, inclusive, já havia ocorrido em algumas ocasiões, nas quais a polícia e os integralistas se juntaram para desbaratar atividades promovidas pela esquerda.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) havia sido criada num ato realizado no Teatro Municipal de São Paulo em 7 de outubro de 1932. Nasceu a partir da unificação de

várias organizações fascistas regionais e passou a ser dirigida por Plínio Salgado. Foi, justamente, para comemorar os dois anos de sua fundação que planejou-se realizar uma grande manifestação envolvendo dez mil de seus adeptos na capital paulista. Os símbolos do movimento eram o sigma e a camisa verde – por isto seus integrantes eram ironicamente chamados de “galinhas verdes”. Calculava-se que o movimento no seu auge possuía cerca de 180 mil membros, a maioria concentrada nos Estados no sul.

### **A resistência antifascista em São Paulo**

Depois da ascensão de Hitler ao poder foi formado, com o apoio da Internacional Comunista, o Comitê Mundial de Luta Contra o Fascismo, a Reação e as Guerras Imperialistas. Entre os seus dirigentes estavam Máximo Gorki, Romain Rolland e Henri Barbusse. Rapidamente se criou uma ramificação deste movimento no Brasil. Formaram-se comitês nas escolas e sindicatos. Os comunistas passaram a ser os grandes animadores desta idéia.

Conforme crescia a repulsa popular ao fascismo criavam-se as condições para construir movimentos de frente-única antifascistas. Pouco a pouco, e não sem dificuldades, quebravam-se as desconfianças existentes entre comunistas, trotskistas, socialistas e anarquistas. As primeiras reuniões para discutir a organização de atos unitários foram marcadas pelo sectarismo que ainda impregnava todas as tendências da esquerda mundial e, por conseguinte, a brasileira.

Um dos mais ativos participantes daquele movimento o comunista Eduardo Maffei, narrou como foram aquelas primeiras reuniões. “Desde a primeira reunião, escreveu ele, atritaram-se stalinistas e trotskistas. Saccheta sempre chegava com um catatau, cheio de chavões, sempre do mesmo padrão, condenando menos os integralistas que os trotskistas. Estes não deixavam por menos. Fúlvio Abramo e Mário Pedrosa, impassíveis, ficavam mirando o arengueiro. Depois retrucavam (...) Esse bate-boca extemporâneo e vazio continuou perturbando todas as reuniões, causando um mal-estar geral (...) Durante uma disputa irritante entre líderes comunistas e trotskistas, Carmelo Crispino (...) pediu a expulsão dos camaradas de Stálin e Trotsky para que se pudesse combater o fascismo (...) Ristori emendou (...) enquanto os integralistas preparavam a ocupação das ruas, nós, os antifascistas, estávamos perdendo em pendências nem sequer ideológicas”. Suspenderam-se, assim, as pendengas e partiram para discussão da contra-manifestação em São Paulo.

Daquelas reuniões preparatórias participaram, entre outros, os comunistas Joaquim Câmara Ferreira, Armando Pedrosa d’Horta, Hermínio Sachetta, Miguel Costa Jr., Noé Gertel, Eneida e Eduardo Maffei; os trotskistas, Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo; os socialistas Francisco Giralde Filho, Zoroastro Gouvêa e João Cabanas, e os anarquistas Edgard Leuenroth e Pedro Catalo. Nunca algo assim tinha acontecido na história do movimento socialista brasileiro.

Foram formadas duas comissões: uma de mobilização popular e outra militar. Da segunda a faziam parte o líder tenentista João Cabanas, o ex-comandante Roberto Sisson e Euclides Krebs, representando o PCB. Ela organizou a estratégia para o ataque a manifestação integralista. Cada área da Praça da Sé, onde deveria culminar a marcha fascista, deveria ser guarnecida por uma das organizações

participantes do movimento.

Foi elaborada também uma convocação conjunta para o ato. Assinavam além dos grupos acima citados, a Coligação dos Sindicatos Proletários e dezenas de sindicatos e organizações antifascistas. Os jornais *A Classe Operária*, *O Homem Livre*, *A Manhã*, *A Plebe*, *A Platéia* passaram a divulgar o evento. No dia 4 de outubro *A Platéia* estampava na primeira página: "O PCB convida todos os partidos da esquerda e sindicatos operários para uma Frente Única anti-fascista". No dia 6 a manchete era: "Pela primeira vez, em São Paulo, um comício monstro contra o fascismo".

A marcha dos "camisas verdes" foi protegida pela polícia e chegou a tomar quase dois quilômetros da Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Quando se iniciavam as palavras-de-ordem fascistas, os militantes de esquerda iniciavam o coro de "abaixo o integralismo!". Estas primeiras manifestações de protestos foram reprimidas violentamente.

Uma rajada de metralhara foi efetuada para limpar a Praça da Sé dos manifestantes que a ocupavam. Mas, isto apenas acirrou os ânimos. Quando se reiniciou a contramanifestação estourou um novo tiroteio entre as forças de segurança, ao lado dos integralistas, e os antifascistas. Realizaram-se, então, minicomícios em cada canto da praça. Neles falaram Fúlvio Abramo, Hermínio Sachetta, entre outros. O grosso dos militantes integralistas fugiu logo no início do conflito. Uma testemunha descreveu a cena: "Despiam as camisas mesmo correndo. Naquela capital do inferno em que se transformara a Praça da Sé, desabusada e corajosamente, rindo, um antifascista, Vitalino, carroceiro, dono de um ferro-velho, divertia-se, ajudando-os a despi-las. Tempos depois vangloriava-se de possuir, como recordação, em sua casa, mais de uma dúzia delas, guardadas como troféus de um momento histórico". Diante desta fuga desorganizada, ironizou o humorista comunista Barão de Itararé: "Um integralista não corre, voa".

Mas as coisas não foram tão fáceis. Um grupo de choque integralista, com apoio da polícia, sustentou cerca de quatro horas de pesado tiroteio. Entre os militantes que resistiam de armas nas mãos estavam as jovens Lélia Abramo, trotskista e Luisa Marcelino Branco, comunista. O saldo do dia foi: seis mortos e 34 feridos, a maioria à bala. Entre os mortos estava o jovem comunista Décio Pinto de Oliveira, que foi alvejado na cabeça quando discursava. Ele passou a ser o símbolo do movimento antifascista brasileiro daqueles anos. No conflito também foram feridos Cipriano Cruz e Mário Pedrosa. Este último foi atingido quando ajudava um militante comunista atingido. Protestando corajosamente em meio ao tiroteio estava o histórico militante anarquista Edgard Leuenroth. Como afirmou Eduardo Maffei: "Nesse momento, de mãos dadas, trabalhadores, intelectuais e estudantes, stalinistas e trotskistas, só objetivavam o inimigo principal".

O acontecimento histórico ocorrido na Praça da Sé naquela tarde de domingo serviu de exemplo para todo o país. Os conflitos se multiplicaram e as forças democráticas e populares não permitiram que os fascistas brasileiros assaltassem as ruas das grandes cidades e intimidassem o proletariado. Não permitiriam que acontecesse aqui o que aconteceu na Itália e na Alemanha. A Batalha da Praça da Sé foi também o momento inicial da constituição da ampla Frente Antifascista no Brasil e que teria sua principal expressão na Aliança Nacional Libertadora, fundada

no ano seguinte.

\* Este artigo utilizou com fonte privilegiada o livro "A Batalha da Praça da Sé", escrito pelo veterano militante comunista Eduardo Maffei e publicado em 1984 pela Editora Philobiblion – RJ.

***\*\*Augusto César Buonicore é historiador, doutorando em Ciências Sociais/Unicamp, membro do conselho de redação das revistas Debate Sindical e Princípios, do conselho editorial da revista Crítica Marxista e diretor do Instituto Maurício Grabóis (IMG).***